



CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA  
LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA SOCIAL DA COMUNICAÇÃO E  
COGNIÇÃO

**Aline Daniela Sauer**

**As representações sociais de adolescentes sobre os adolescentes que vivem no meio rural  
e urbano**

Florianópolis

2022

**Aline Daniela Sauer**

**As representações sociais de adolescentes sobre os adolescentes que vivem no meio rural  
e urbano**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGP-UFSC) como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Psicologia. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Andréia Isabel Giacomozzi. Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Andréa Barbará da Silva Bousfield.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Sauer, Aline Daniela

As Representações Sociais de adolescentes sobre os  
adolescentes que vivem no meio rural e urbano / Aline  
Daniela Sauer ; orientador, Andréia Isabel Giacomozzi,  
coorientador, Andréa Barbará da Silva Bousfield, 2022.  
102 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, , Programa de Pós-Graduação em , Florianópolis,  
2022.

Inclui referências.

1. . 2. Representação social, adolescência, adolescência  
urbana, adolescência rural.. I. Giacomozzi, Andréia  
Isabel. II. Bousfield, Andréa Barbará da Silva. III.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós  
Graduação em . IV. Título.

**ALINE DANIELA SAUER**

Título: As Representações Sociais de adolescentes sobre os adolescentes que vivem no meio rural e urbano

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Ana Maria Justo

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Tatiana de Lucena Torres

Universidade Federal da Paraíba

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Prof.(a) Andréia Isabel Giacomozzi, Dr.(a)  
Orientadora

Adriano Beiras  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Florianópolis, 2022

*Para aqueles que sabem valorizar o meio rural e os seus povos.*

## AGRADECIMENTO

Mais uma etapa da vida finaliza e tenho muito a agradecer por todos que estiveram ao meu lado nessa caminhada, que muitas vezes não foi fácil, e o apoio foi necessário para chegar até aqui. Agradecimentos:

- Á Deus, por permitir que eu possa continuar a deixar a minha marca neste mundo e a saborear a vida a cada dia;
- Às minhas orientadoras, Andréia e Andréa, por estarem me auxiliando em cada passo, dividindo conhecimentos tão importantes para essa etapa;
- A minha colega Maiara que me auxiliou durante a realização da pesquisa;
- Ao meu Noivo Danilo, por fazer eu acreditar em mim mesma e me mostrar que é possível conquistar aquilo que almeja. A sua presença me traz luz e força;
- Aos meus pais Zenilda e Wilson que me ensinaram a lutar pelo que desejo e valorizar cada conquista;
- Aos meus irmão, Anderson e Gilson, que estiveram ao meu lado, me ajudaram e me apoiaram;
- As minhas colegas de laboratório, que entre conversas e cafés quentinhos me ajudaram a passar por essa etapa com mais alegria;
- A minha amiga Denize, por estar ao meu lado me ouvindo, e sempre me fazendo sentir bem e confiante.
- Ao meu grupinho Edinara e Fernanda que ouviram todos os meus desabafos e me animaram para prosseguir;
- Ao meu amigo Jonas, que sempre me ajudando a cada dificuldade;
- Aos jovens que participaram da pesquisa, esse trabalho aconteceu graças às suas disponibilidades;

Obrigada a todos!!

*Das horas não sei, mas vejo o clarão  
Lá vou eu cuidar do chão, trabalho cantando  
A terra é a inspiração, Deus e eu no sertão  
Não há solidão, tem festa lá na vila  
Depois da missa vou, ver minha menina  
De volta pra casa, queimo a lenha no fogão  
E junto ao som da mata, vou eu e um violão.*

*(Música: Deus e eu no sertão; Composição: Victor Chaves)*

## RESUMO

A adolescência é a fase da vida que ocorre entre a infância e a fase adulta, marcada por um complexo processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial. Sendo bastante complexa, configura variados elementos como novas capacidades de reflexão, a aquisição de papéis sociais, a apropriação de valores, a necessidade de pertencer e ser aceito em grupos ou categorias, de investimento em autonomia para a inserção na vida adulta, e a definição da identidade. A identidade social é o reconhecimento da pertença a certos grupos ou categorias sociais, esse reconhecimento é acompanhado de significações emocionais e avaliativas. A representação social presume uma relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento, pois o indivíduo projeta sua identidade no objeto que representa. Desta forma, essa dissertação busca analisar os conteúdos das representações sociais de adolescentes sobre adolescência e sobre os adolescentes residentes no meio rural e no meio urbano. A teoria de base utilizada foi a Teoria das Representações Sociais. Trata-se de um estudo de natureza exploratória. Participaram da pesquisa 159 adolescentes de ambos os sexos residentes do meio rural e urbano no Planalto Norte Catarinense, utilizando como instrumento para coleta de dados um questionário que foi aplicado de forma online, com perguntas abertas e fechadas e perguntas sociodemográficas. A análise dos dados das questões abertas foram realizada com auxílio do software IRaMuTeQ, feito uso da análise Classificação Hierárquica Descendente e análise das Evocações Livres. A análise das questões fechadas foi realizada através do software Jamovi. Os resultados mostram que sobre a adolescência as representações sociais dos adolescentes de ambos os contextos foram associadas fortemente a partir das concepções tradicionais de adolescência, sendo um período de fase da transição da infância para a vida adulta. A representação fortemente associada aos adolescentes rurais está relacionada ao trabalho, agricultura e responsabilidade, e também apresentou elementos negativos como atrasados, sem informações e caipiras. Já a representação referente aos adolescentes urbanos é festa, mimados e vida fácil. Desta forma fica evidente a distinção representativa de cada adolescência, fortemente ligada ao seu local de moradia. Também relacionado ao meio que residem, os adolescentes urbanos são considerados pelos que residem no contexto rural como sendo modernos e possuem mais acesso aos meios de comunicação, como acesso a celulares e internet. Em oposição a isso, os moradores da área rural são vistos pelos que vivem na área urbana como atrasados e sem acesso a esses meios. Sobre o meio em que residem, os

adolescentes, de forma geral, estão satisfeitos, não apresentando uma insatisfação significativa. Os dados deste estudo mostram que existem formas distintas de vivenciar a adolescência no meio rural e urbano. Esse assunto deve ser pauta nos trabalhos escolares, e discutido no ambiente escolar, pois é o momento que os adolescentes de ambos os contextos têm suas vivências compartilhadas.

**Palavras-chave:** Representação social, adolescência, adolescência urbana, adolescência rural.

## ABSTRACT

Adolescence is the stage of life that occurs between childhood and adulthood, marked by a complex process of biopsychosocial growth and development. Being quite complex, it configures various elements such as new reflection skills, the acquisition of social roles, the appropriation of values, the need to belong and be accepted in groups or categories, investment in autonomy for insertion into adult life, and the definition of identity. Social identity is the recognition of belonging to certain groups or social categories, this recognition is accompanied by emotional and evaluative meanings. Social representation assumes a relationship between the subject and the object of knowledge, as the individual projects his identity on the object he represents. Thus, this dissertation aims to identify and analyze the contents of the social representations of adolescents about adolescence and about adolescents living in rural and urban areas. The base theory used was the Social Representations Theory. This is a study with a qualitative and quantitative approach, of an exploratory nature. A total of 159 adolescents of both sexes, residents of rural and urban areas in the Planalto Norte Santa Catarina participated in the research, using a questionnaire that was applied online, with open and closed questions and sociodemographic questions, as an instrument for data collection. The data analysis of the open questions was performed by Iramuteq software, using the Descending Hierarchical Classification analysis and the Free Evocations analysis. Analysis of closed questions was performed by Jamovi software. The results show that about adolescence, social representations were strongly associated from traditional conceptions of adolescence, being a period of transition from childhood to adulthood, enjoyment and feelings of depression and anxiety. The representation strongly associated with rural adolescents is related to work, agriculture and responsibility, and also presented negative elements such as backwards, lack of information and hillbillies. The representation referring to urban teenagers is party, spoiled and easy life. In this way, the representative distinction of each adolescence is evident, strongly linked to their place of residence. Also related to the environment in which they live, urban adolescents are considered by those living in the rural context as being modern and have more access to the means of communication, such as access to cell phones and the internet. Contrary to this, residents of rural areas are seen by those living in urban areas as backward and without access to these means. About the environment in which they live, adolescents, in general, are satisfied, not showing significant dissatisfaction. Data from this study show that there are different ways to experience adolescence. This subject should be on the agenda in school work, and discussed in the

school environment, because it is the moment that teenagers from both contexts have their shared experiences.

Keywords: Social Representation. Adolescence. Urban Adolescence. Rural Adolescence.

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 OBJETIVOS</b>	<b>16</b>
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>17</b>
3.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	17
3.2 GRUPOS SOCIAIS E IDENTIDADE SOCIAL	20
3.3 ADOLESCÊNCIA	22
3.4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A ADOLESCÊNCIA	25
<b>3.4.1 Revisão de literatura sobre representações sociais da adolescência</b>	<b>27</b>
3.5 ADOLESCÊNCIA RURAL	41
3.6 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE ADOLESCENTES RURAIS	43
3.7 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O MEIO RURAL	44
<b>4.MÉTODO</b>	<b>46</b>
4.1 NATUREZA E DELINEAMENTO	46
4.2 CONTEXTO DA PESQUISA	46
4.3 PARTICIPANTES	47
4.5 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	47
4.6 ANÁLISE DE DADOS	48
4.7 PROCEDIMENTOS ÉTICOS	49
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>50</b>
5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES	50
5.2 ADOLESCÊNCIA	51
<b>5.2.1 Representações sociais sobre adolescência</b>	<b>51</b>
<b>5.2.2 Traços, sentimentos e hábitos na adolescência</b>	<b>55</b>
5.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE ADOLESCÊNCIA RURAL	57
5.4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE ADOLESCÊNCIA URBANA	63
5.5 ANÁLISE DAS EVOCAÇÕES LIVRES SOBRE ADOLESCÊNCIA URBANA E RURAL	67
<b>5.5.1 Análise prototípica das evocações livres sobre os adolescentes rurais</b>	<b>68</b>
<b>5.5.2 Análise prototípica das evocações livres sobre os adolescentes urbanos</b>	<b>72</b>
5.6 SATISFAÇÃO SOBRE O MEIO	76
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>78</b>
<b>Referência</b>	<b>81</b>
Apêndices	90

## 1. INTRODUÇÃO

A adolescência é a fase da vida que ocorre entre a infância e a fase adulta, sendo marcada por um complexo processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial (Martins, Trindade, & Almeida, 2003; Coutinho, 2009; Dietz et al, 2011). A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a adolescência pela idade entre 10 e 19 anos (chamados adolescentes), a Organização das Nações Unidas (ONU) define esta fase como sendo compreendida entre 15 e 24 anos (chamados jovens), e no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade (artigo 2º), desta forma neste trabalho serão entendidos os termos adolescente e jovens/juventude como sinônimos.

De acordo com estudo realizado por Alves (2008), adolescência é uma fase bastante complexa e configura variados elementos como novas capacidades de reflexão, a aquisição de papéis sociais, a apropriação de valores, a necessidade de pertencer e ser aceito em grupos ou categorias, de investimento em autonomia para a inserção na vida adulta, e a definição da identidade. Sendo assim Heidemann (2006) e Campagna (2006) falam que esta etapa da vida pode apresentar características como fragilidade física, psicológica e social, com mudanças no processo de desenvolvimento do sujeito. As modificações físicas, endócrinas, cerebrais, sociais, emocionais, e sexuais, que ocorrem todas juntas, com modificações corporais, mentais e emocionais, dando origem a comportamentos e emoções que não eram sentidas anteriormente pelo adolescente, familiares, amigos e profissionais que interagem com ele . A adolescência pode ser entendida dentro do ciclo vital como um dos momentos mais conflituosos da vida de um sujeito, e pode resultar na desestabilização dos processos e valores que eram estabelecidos anteriormente, causando sofrimentos que podem levar a comportamentos negativos, mas também se caracteriza por muitos ganhos e prazeres (Savietto & Cardoso, 2006; Dietz et al, 2011).

O ambiente influencia na construção da personalidade do indivíduo, que abre novos caminhos para o entendimento do desenvolvimento e, mais objetivamente a adolescência (Erikson, 1968 apud Martins, Trindade & Almeida, 2003). Para a psicologia social os comportamentos dos sujeitos são pautados por fazer parte de um grupo ou categoria social (Camino & Torres, 2011). Para Tajfel (1983) o sentimento de pertença a um grupo social é que dá início a identidade social. Os grupos são fontes de informação que possibilitam a

posição no mundo, e auxiliam para a definição da identidade (Rodrigues, Assmar, & Jablonski, 2012).

O desenvolvimento biopsicossocial do adolescente sofre influências de sua cultura e subcultura, pois esse deixa de viver somente com a família e passa a conviver com amigos, escola e em situações sociais como clubes, festas, esportes, e demais pessoas na sociedade, sendo um relevante fator para determinar o seu comportamento e identificação pessoal que está determinada por um condicionamento entre indivíduo e meio social (Knobel, 1981; Vitiello, 1997; Davin et al, 2009; Coutinho, 2009; Rozin & Zagomel, 2012). De acordo com Aberastury e Knobel (1981) e Martins, Trindade e Almeida (2003) não há dúvidas de que as diferenças socioculturais influenciam as diferentes formas de viver a adolescência. O adolescente não pode ser compreendido de forma padronizada, desconsiderando o contexto onde reside, o que pensa, a sua história de vida, as interações afetivas, as violências sofridas, os laços familiares, e seus padrões morais e religiosos. Deve ser visto como produção entrelaçada à construção social, suas subjetividades, símbolos, regras, valores, culturas, experiências, e seus grupos (Monteiro, 2013).

Mais especificamente sobre o contexto de vida, estudo realizado por Costa e Doulas (2014) mostrou que são significantes as representações que abordam as desigualdades entre jovens rurais e jovens urbanos. Desta forma Margulis (2001) fala que para os adolescentes da zona rural, a fase da adolescência é um tanto diferente da experienciada pelos adolescentes da zona urbana. Além disso, os adolescentes urbanos preocupam-se mais com atividades relacionadas a lazer e a criação de rede de amigos. Enquanto os adolescentes do contexto rural, tem a responsabilidade e necessidade sobre as decisões para serem tomadas para a vida adulta (Martins, Trindade, & Almeida, 2003). Para os pesquisadores Castro (2009) e Bonomo e Souza (2013) ser adolescente residente no meio rural significa enfrentar um ambiente desigual e violento, subjugado pela hierarquia entre rural e urbano e ser estereotipado como roceiro, bobo, atrasado e sem educação.

Desta forma, estamos interessados em compreender as representações sociais dos adolescentes sobre o adolescente rural e urbano, a partir da teoria das representações sociais de Moscovici (1961) por entender que as representações sociais são um modo de conhecimento socialmente elaborado e partilhado, que dão sentido à realidade dos grupos sociais e influenciam suas visões de mundo (Jodelet, 2001), e variam de acordo com o contexto de relações sociais onde se está inserido (Doise, 1985). A Teoria das representações sociais é uma forma sociológica de psicologia social, que teve origem na Europa, e que se constituiu numa crítica sobre a natureza individualizante da maior parte das pesquisas em

psicologia social da América do Norte, sendo nítida a diferenciação das outras formas psicológicas de psicologia social (Farr, 1998).

As investigações em representações sociais visam entender como os sujeitos apreendem o mundo envolvente, na tentativa para compreender e resolver os seus problemas existenciais, emocionais e relacionais. Estudam-se pessoas que pensam, elaboram questões e buscam encontrar respostas, e assim afirma-se que os sujeitos e os grupos se movimentam no contexto de uma sociedade pensante, no qual eles mesmos produzam por meio das comunicações estabelecidas entre os sujeitos (Moscovici, 1981, 1984). Desta forma contribui para a compreensão do pensamento social expresso na rede simbólica dos grupos, nas relações e práticas cotidianas (Moscovici, 2003).

De acordo com Carneiro (2005) Costa e Doula (2014) o interesse dos pesquisadores nacionais pelo tema do universo social e cultural dos adolescentes que vivem no meio rural é recente, e assim é significativamente limitada a bibliografia disponível. Para Martin et al (2010) os estudos sobre representações sociais ligadas à temática do meio rural são ainda bastante escassos.

Os adolescentes provenientes do meio rural frequentam as escolas urbanas devido ao fechamento das escolas rurais e centralização das escolas para o perímetro urbano, logo o local que ocorre a maior interação entre os adolescentes do meio urbano e rural é na sala de aula. Por meio da experiência da pesquisadora como docente neste contexto, observou que as relações de convívio entre esses dois grupos são muitas vezes conflituosas, trazendo prejuízos psicossociais aos adolescentes provenientes do meio rural. Embasado no estudo de Alves (2008) que concluiu que os adolescentes são bastante vulneráveis a julgamentos, justamente por estarem em busca de referências do que pertence a si, partindo da opinião que os outros possuem sobre eles. Expostos a condições julgadoras constantes, não havendo espaço para a elaboração e ação de seus aspectos positivos, o adolescente pode ficar intensamente abalado e ter sua identidade fragmentada pelos rótulos em consequência de acusações e reprovações que vão esgotando-o.

Os adolescentes rurais apresentam sentimentos de inferioridade nas falas e nos seus comportamentos (Paulo, 2003), para Menezes (2009) e Oliveira, Rabello e Feliciano (2014) esses adolescentes anseiam por sair do meio rural, pois a vida urbana é normalmente apresentada como melhor opção. Isso está envolvido com a premissa de que o rural é arcaico ou atrasado, e que nas áreas urbanas possuem muitas oportunidades e facilidades. Desta forma, para o adolescente permanecer no campo significa enfrentar uma dura realidade de privações e ausência de perspectivas, e ao migrar para as áreas urbanas pode conviver com

outras consequências como, por exemplo, enfrentar falta de emprego, a pobreza e a violência (Silva, 2007). Sobre a educação, o nível de escolarização da população de 15 anos ou mais que reside no meio rural corresponde a quase metade da esperada para a população urbana (Castro, 2013). Além disso, as representações sociais acerca do adolescente rural são ainda atravessadas por questões de gênero (Paulilo, 2004), pois o peso da adolescência rural é acentuado quando se é mulher, sendo excluída dos processos de produção agropecuária, de sucessão e herança, bem como dos espaços de decisão na comunidade (Castro, 2006).

Portanto, esta pesquisa é importante para analisar os contextos já citados e propiciar maiores conhecimentos acerca das representações sociais sobre os adolescentes do meio rural e urbano e contribuir para a Educação Básica e para os profissionais destas áreas, oferecendo novas perspectivas para tratar as problemáticas do meio, sendo assim tem como problema: *Quais as representações sociais de adolescentes sobre a adolescência e os adolescentes residentes no meio rural e meio urbano?*

## **2 OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

Analisar os conteúdos das representações sociais de adolescentes sobre adolescência e sobre os adolescentes residentes no meio rural e no meio urbano.

### **Objetivos específicos**

(a) identificar as representações sociais sobre a adolescência para adolescentes provenientes de contextos rurais e urbanos;

(b) analisar as representações sociais e a zona muda das representações sociais que cada grupo possui referente aos adolescentes residentes no meio rural e no meio urbano;

(c) comparar as representações sociais de cada grupo sobre a adolescência e sobre o adolescente residente no meio rural e urbano.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

As pessoas possuem necessidade de estarem informadas sobre o mundo ao seu redor, além de se ajustarem a ele precisam entender como se comportar, se identificar e resolver problemas, criando assim representações, desta forma as representações sociais são muito importantes na vida cotidiana (Jodelet, 2001).

As investigações em representações sociais buscam entender a forma como os sujeitos apreendem o mundo envolvente, num esforço para compreender e solucionar os seus problemas (emocionais, existenciais, relacionais). Estudam-se seres humanos que pensam, criam questões e tentam buscar respostas, daí afirma-se que os indivíduos e os seus grupos agem no contexto de uma sociedade pensante, que eles mesmo produzem através das comunicações que se estabelecem entre si (Moscovici, 1984). É uma modalidade de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e que contribui para a formação de uma realidade comum a um conjunto social (Jodelet, 1989), desta forma é um conjunto de conceitos, proposições e explicações que é criado na vida cotidiana no decurso da comunicação (Moscovici, 1981).

As representações sociais (RS) podem ser consideradas como entidades quase tangíveis, que circulam, se cruzam e se cristalizam por meio da fala, do gesto, do encontro no universo cotidiano (Moscovici, 2012). O conceito de representação social mostra que não se pode explicar o sujeito sem o social, nem vice-versa, e que não há corte entre um e outro nível (Vala & Castro, 2013), ou seja: não existe um recorte entre o universo exterior e o sujeito ou grupo, o sujeito e o objeto não são totalmente heterogêneos em seu campo comum (Moscovici, 2012).

As RS são idealizadas como formas simbólicas emergentes da interação (Moscovici, 1972), pois a sua origem, tem como definição o resultado da relação triádica entre Ego, Alter e Objeto (Moscovici, 1972; Marková, 2003). As representações expressam o sujeito, a relação com outros, e referem-se a um objeto (Vala & Castro, 2013). Desta forma “a representação social é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito)” (Jodelet, 2001 p. 27).

De acordo com Moscovici (1978) a representação social é a organização de imagens e linguagem, devido ao fato dela realçar e simbolizar atos e situações que nos são ou se tornam comuns. A representação é simplesmente a imagem de algo ou de alguém que a

linguagem circunscreve com o fluxo das associações no espaço simbólico; sendo assim uma representação fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime. Ela que produz e determina os comportamentos do sujeito, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos rodeiam, e o significado das respostas a dar-lhes.

A teoria das representações sociais interessa-se pela forma como as fontes de inovação são transformadoras de conhecimento social, e pelos processos tanto por acelerar ou resistir a mudança (Vala & Castro, 2013), e em diversos processos como a difusão e a assimilação de um conhecimento, a construção de identidades sociais e pessoais, o comportamento intra e intergrupais, as ações de resistência e de mudança social (Cabecinhas, 2004). O social é entendido como resultado das relações intra-individuais, de como o sujeito processa a informação, ou intergrupais, que é de como os grupos a processam, sendo sociais as ideologias, mitos e crenças que circulam na sociedade (Moscovici, 1993). As representações sociais são sociais por serem um fato psicológico de três maneiras, pois possuem um aspecto interpessoal no sentido de pertencer a todos, elas são a representação do outro, e uma representação pessoal, percebida afetivamente como pertencente ao ego (Moscovici, 2003).

Para Moscovici (1978) as sociedades contemporâneas apresentam duas classes distintas de universos de pensamento, o universo reificado e o universo consensual. O universo reificado é aquele que produz e circula nas ciências e nos pensamentos eruditos de modo geral, com sua objetividade, seu rigor metodológico e lógico, sua estratificação hierárquica e sua compartimentalização em especialidades. O universo consensual refere-se às atividades intelectuais da interação social pelas quais são produzidas as representações sociais e onde se elaboram as teorias do senso comum. Assim como, o universo consensual também alimenta o reificado.

Moscovici também descreve dois mecanismos que formam as representações sociais. Os mecanismos de ancoragem e objetivação requerem um processo de recriação de objetos e sentidos, levando à identificação com aquilo que parecem. Há nessa dinâmica uma força ilocutória que faz com que os sujeitos acreditem na objetividade das coisas, como se elas fossem, de fato, aquilo que nos aparenta perceptualmente. Esse fenômeno faz com que a realidade seja compreendida e percebida de forma peculiar, única e particular para cada indivíduo. Os indivíduos, ao organizarem os objetos do mundo real, também organizam e constroem a si mesmos, pois vão assimilando a realidade ao entorno e se espelhando nela, tornando-se importantes, ou não, para o meio ao qual estão expostos. (Moscovici, 1978).É

assim que os sujeitos se localizam e se situam no mundo socialmente constituído, e materialmente especificado (Moscovici, 1978).

As representações sociais possuem abordagens distintas, que ressaltam diferentes aspectos de sua formação, sendo a Abordagem Dimensional, que foi elaborada por Moscovici (1978), que se constitui por três dimensões de uma representação social. A primeira dimensão trata-se da informação, sendo a quantidade e qualidade de conhecimento sobre um determinado objeto e a organização dos conhecimentos que um grupo possui referente ao objeto. A segunda é a atitude, sendo a preparação para a ação, orientação valorativa favorável ou desfavorável que o grupo tem ao objeto. E a terceira é o campo representacional, sendo a ideia e imagem enquanto unidade estruturada dos elementos.

A Abordagem Dinâmica estuda de que formas as representações sociais são formadas e de como interferem no cotidiano dos sujeitos, esta foi utilizada por Jodelet (1989) no estudo sobre as representações sociais da loucura. As representações sociais se constituem como uma modalidade de conhecimento prático, orientadas para a comunicação e para a compreensão no contexto material, social e ideativo (Jodelet, 1989).

E a Abordagem Estrutural que tem como base a Teoria do Núcleo Central, proposta por Abric (1976), sendo o núcleo central onde se cria ou se modifica o significado dos outros elementos constitutivos da representação social, sendo a função geradora, mas também unifica e estabiliza a representação social, sendo a função organizadora (Chaves & Silva, 2007).

As representações sociais possuem duas facetas: a representação explícita, que é verbalizada, e a não verbalizada, que é chamada de zona muda. Ela faz parte da consciência dos sujeitos, e é conhecida por eles como não pode ser expressada, devido ao fato do sujeito ou grupo não querer expressá-la publicamente ou explicitamente, sendo assim, a zona muda não é face do inconsciente de uma representação, mas uma face escondida (Abric, 2005). Esta zona pode ser composta por elementos do núcleo central de uma representação que podemos considerar que estão “adormecidas”, mas não por que não estejam ativados, mas sim porque são “não-expressáveis” (Abric, 2003). A existência de uma zona muda é devido às normas sociais, é constituída pelos elementos da representação que tem um carácter contra normativo (Abric, 2005), ou seja, é composta de elementos da representação que são crenças ou crenças que não são expressas pelo sujeito em condições normais de produção, e assim podem entrar em conflito com os valores morais ou normas de um determinado grupo (Guimelli & Deschamp, 2000).

Portanto, para compreender os fatores que estruturam os contextos e a dinâmica das representações sociais é importante articular com as identidades sociais (Vala, 1993). O diálogo entre as abordagens das representações sociais e da identidade social é fundamental, sendo uma forma de fazer avançar uma psicologia social que seja capaz de abordar todos os níveis de análise e não apenas o individual e interpessoal (Israel & Tajfel, 1972; Breakwell, 1993; Bonomo, 2010).

### 3.2 GRUPOS SOCIAIS E IDENTIDADE SOCIAL

A representação social presume uma relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento, pois o indivíduo projeta sua identidade no objeto que representa (Moscovici, 2012). Cada grupo social tem sua forma específica de representação do mundo, desta forma podem ser estabelecidas clivagens entre grupos sociais de acordo com as suas representações, pois indivíduos e grupos expressam sua identidade através de suas representações (Andrade, 1998).

Tajfel (1981) define a identidade social como o reconhecimento da pertença a certos grupos ou categorias sociais, esse reconhecimento é acompanhado de significações emocionais e avaliativas. Os grupos de identificação são o resultado não somente da autocaracterização (Turner, 1985), mas de definições estabelecidas a partir do social (Tajfel, 1972). É por meio da pertença a diferentes grupos que o indivíduo adquire uma identidade que define o lugar que ele ocupa na sociedade (Tajfel, 1983; Deschamps & Moliner, 2009).

A teoria da identidade social de Tajfel (1972) e Tajfel e Turner (1979) explica os fenômenos de discriminação e antagonismo entre os grupos e oferece o entendimento da construção do pensamento social, pois os grupos procuram uma diferenciação positiva entre si, o que leva os seus membros a diferenciarem e investirem mais valor às suas crenças comparativamente às dos exogrupos (Jetten, Spears, & Manstead, 2001 apud Vale & Castro, 2013). Para Jodelet (2001) a imagem que temos de nós próprios é ligada àquela que temos sobre o nosso grupo, e assim nos conduz a defendermos os valores dele, e essa proteção nos incitaria a diferenciar e a excluir aqueles que não estão nele. A participação e a implicação emocional com relação ao grupo que fazemos parte, conduzem a nele investir sua própria identidade.

A identidade social pode ser compreendida como a resistência e contestação de determinada minoria social sobre às pressões de um grupo considerado dominante e como afirmação de outro lugar na estrutura social de acordo com os valores e o grupo a que pertencem (Bonomo & Souza, 2013).

Para Tajfel e Turner (1979) os grupos sociais fornecem aos seus membros uma identificação de si mesmos em termos sociais, e são identificações comparativas e relacionais. Realizam categorizações sociais, que são ferramentas cognitivas que segmentam, classificam, e ordenam o meio social, que permitem o sujeito a realizar diversas formas de agir, pois proporcionam um sistema de orientação por auto referência e definem o lugar do sujeito no meio social.

Os processos mentais determinam e operam a descrição e o julgamento das pessoas ou de grupos e são caracterizados por fazer parte a uma categoria social e pelo fato de existir um ou mais atributos próprios a esta categoria, segundo Jodelet (2001). Para essa mesma autora a intensificação de semelhanças no interior de uma categoria e de suas diferenças com uma outra é amplamente demonstrada, podendo haver consequências na percepção e dos comportamentos dos sujeitos, ocorrendo assim discriminações, e na medida em que ela é acompanhada de viés favoráveis ao grupo do qual se é membro, surge uma tendência a desfavorecer os grupos dos quais se distingue.

A categorização social permite a elaboração de estereótipos que protegem os sujeitos que pertencem a um determinado grupo, aparelhando-os de recursos simbólicos para o exercício da diferenciação social, e só é possível por meio da comparação social, ou seja, do confronto entre o próprio grupo e os grupos de relação, que compõe o mecanismo principal para a construção da identidade social (Bonomo, 2010). Os estereótipos sociais influenciam nas condutas e nos comportamentos dos sujeitos nas interações sociais, quando os interatores são enquadrados por essas crenças e essa influência acontecem através de variáveis intervenientes, sendo a percepção social, a memória, o pensamento, a motivação e tomada de decisões (Kruger, 2004).

Quando os estereótipos são associados a sentimentos, passam a ser caracterizadas como atitude e preconceitos sociais (Kruger, 2004). E o efeito imediato de preconceitos sociais é a discriminação, pois é uma forma de relacionamento, avaliação e atendimento comparativo desigual e desfavorável, que proporciona uma coletividade humana ou individualmente a pessoa que a integram, precisamente porque são alvo de preconceitos sociais (Kruger, 2004). O preconceito é um julgamento, sendo positivo ou negativo, que é formulado sem exame prévio referente a uma pessoa ou grupos. O preconceito é uma

dimensão cognitiva, específica em seus conteúdos, sendo uma dimensão afetiva relacionada às emoções e valores envolvendo a interação com o alvo e uma dimensão conativa a descrição positiva ou negativa (Jodelet, 2001). Os grupos sociais e o sentimento de pertença estão associados a conotações avaliativas positivas ou negativas, por isso a identidade social pode ser positiva ou negativa segundo avaliações que são consensuais intra e entre grupos que contribuem para a identidade social de um sujeito (Tajfel & Turner, 1979). Quanto mais forte é a identidade social, menos importante é a pessoa, e quando mais proeminente a identidade pessoal, pois de acordo com a teoria da identidade social pode se entender que o aumento da proeminência da pertença a um grupo aumenta a identificação entre si mesmo e o endogrupo, por isso mesmo diminui a diferenciação entre si mesmos e o endogrupo, acentuando ao mesmo tempo as diferenciações entre grupos (Deschamps & Moliner, 2009).

As representações sociais estão relacionadas ao comportamento dos sujeitos e de seus grupos, e influenciam na definição das identidades sociais. É através da definição da identidade, que induzem o grupo a exposição, aceitação e uso de representações sociais, e assim frequentemente as representações sociais são um produto da dinâmica de grupo, desenvolvida para atender aos interesses dos sujeitos. Os processos de identidade ajudam a determinar quais representações sociais do sujeito ou dos grupos (Breakwell, 1993), ou seja, as representações sociais auxiliam no desenvolvimento da identidade de um grupo, pois ao compartilharem representações sociais, os membros do grupo notam em haver uma identidade comum, e assim eles estão compartilhando a mesma forma de ver o mundo (Giacomozzi, 2010).

Portanto, a articulação entre a Teoria das representações sociais e a Teoria da identidade social é fundamental para compreendermos de que maneira os adolescentes rurais e urbanos percebem o mundo a sua volta e identificar quais representações sociais circulam em seus grupos e como isso conduz para a formação da sua identidade social.

### 3.3 ADOLESCÊNCIA

*“Se a juventude soubesse e se a velhice pudesse”*

*Provérbio francês*

A visão universal da adolescência é compreendida como uma etapa evolutiva específica dos seres humanos, nela o sujeito alcança todo o processo maturativo biopsicossocial do sujeito (Jersild, 1976; Osorio, 1992), sendo marcada por uma fase de transformações físicas, sociais e emocionais, na qual o sujeito tem uma maior percepção da realidade social (Zagury 2004) e é nessa fase que ocorre a transição entre a infância e a vida adulta (Matheus, 2002; Zagury 2004; Wanderley, 2007; Alves, 2008). É bastante caracterizada por fatores que são chamados de crises de identidade, devido a transição da infância à maturidade, o início da escolha profissional, a busca pela autonomia, início na vida sexual, pelos conflitos familiares e de caráter emocional, as transformações orgânicas e inconstâncias hormonais, que associadas a uma nova compreensão de mundo que se alia a representação de novos papéis e responsabilidades na sociedade, como sujeito desejante e portador de conceitos próprios da realidade e principalmente pela reconstrução e formatação da identidade (Alves, 2008).

A concepção vigente e hegemônica na Psicologia, na mídia e no imaginário popular, é que a adolescência é uma etapa natural, inerente e própria do desenvolvimento dos sujeitos (Ozella, 2003), e a Teoria das Representações Sociais compreendem que a adolescência representa um período que se constrói a partir de necessidades sociais e, constitui-se num processo social e psicológico (Ozella, 2003). Neste estudo será compreendida a adolescência como uma condição historicamente construída (Margulis, 2001), sendo um fato social, e torna-se uma possibilidade para os jovens, uma forma de identidade social (Bock, 2004). A construção da identidade adolescente é um processo que está ligado ao contexto sociocultural no qual ele está inserido (Pinto, Sousa, & Saemi, 2000), ou seja, é a consciência que o sujeito tem de si mesmo como um ser no mundo (Osorio, 1992), mas isto não significa que o meio seja o determinante da configuração de uma identidade, mas ele é sim um grande contingente para que esta identidade se constitua (Pinto, Sousa, & Saemi, 2000).

Segundo Mateus (2002) por meio da adolescência alguns elementos são retomados e o trabalho psíquico adolescente surge a partir das ausências vividas e da necessidade de uma nova imagem de si que surge do olhar do outro, pois a adolescência é socialmente construída.

Possui a peculiaridade de ser a fase em que o sujeito está se percebendo membro de um mundo social, preenchido de estímulos, pessoas, vontades, desejos, escolhas, regras e normas que acabam influenciando a forma de perceber o mundo, de como se posicionar no mesmo e aprender, de acordo com as relações construídas pelo adolescente neste processo de aprendizagem (Pinto, Sousa, & Saemi, 2000).

Esta fase da vida pode corresponder a um período de crise e instabilidade em que os adolescentes procuram cercar-se de amigos e conviver em grupos, sendo este um período de construção da identidade (Quiroga & Vitalle, 2013). A formação de grupos parece ser marcante na adolescência, pois constroem suas identidades juvenis heterogêneas de acordo com os estilos e símbolos de cada grupo e inclusive há também a existência de coincidência étnica, de gênero, de classe e localidade (Groppo, 2000). Esses grupos podem ser mais ou menos fechados, apresentando a sociedade uma identidade própria, sendo diferente dos adultos e dos outros grupos (Calligaris, 2000). Surge a necessidade de ser aceito, de ser aprovado, pois há uma necessidade de ser igual ao grupo, e assim aumenta a importância do grupo de amigos. Por esse motivo é comum observar que os adolescentes se vestem de forma semelhante a seu grupo, e o modo de andar e agir são semelhantes, a utilização de gírias e expressões acabam sendo reconhecidas somente entre eles. Assim, o fato de não seguirem os padrões do grupo os amedronta, procurando agir sempre como a maioria, justamente por temerem a rejeição do grupo (Pinto, Sousa, & Saemi, 2000; Guerin, 2007).

Os adolescentes possuem conceitos concretos acerca de si próprios e acerca dos seus próprios grupos, e também possuem conhecimento da existência de outros grupos diferentes do seu. Estão empenhados no processo de diferenciação e identificação, em relação aos adultos, seja em relação a diversos grupos de pares categorizados como semelhantes a si, ou como muito diferentes de si e da sua experiência social (Pereira, Amaral & Soares, 1997).

Existe uma pluralidade de juventudes nos grupos sociais, com recorte sócio-cultural, sendo classe social, etnia, religião, gênero, contexto rural e urbano que saltam categorias de jovens, com símbolos, comportamentos, características, sentimentos próprios e subculturas. Sendo assim, cada adolescente pode reinterpretar o que é ser jovem, não apenas se contrastando com a infância ou com os adultos, mas também com as outras adolescentes (Groppo, 2000).

Quando o adolescente adquire o status de protagonista social, observa-se a criação de sua identidade, que será agora facilitada pelo reconhecimento de outro adolescente, e não estará condicionada a referenciar-se necessariamente ao mundo dos adultos (Quiroga & Vitalle, 2013). Embora conviva com determinados grupos, não deixa de lado o modelo

familiar que o constitui, mas mesmo assim o adolescente expande a sua percepção de mundo (Zagury, 2004). O adolescente estabelece a sua identidade como um indivíduo enquanto mantém suas antigas conexões com elementos de significados do passado, formando novas ligações com os valores de um determinado grupo (Berger, 2003). O aspecto importante é que todo adolescente de alguma forma se identifica com um grande número de indivíduos (Berger, 2003).

Podemos dizer que o sentimento de identidade é a função de equilíbrio entre os três vértices de um triângulo (Osorio, 1992),



Os pesquisadores Osorio (1992) e Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares (2003) consideram a construção da identidade como a tarefa importante da adolescência. Desta forma, é em busca dessa identidade, que a construção de uma forma capaz de dar-lhe condições de conviver numa sociedade que valoriza o indivíduo, que o adolescente contemporâneo irá buscar referências e experimentá-las durante toda essa fase, pois o que pensa o adolescente sobre a adolescência não será um pensamento isolado, mas será propiciado pelos meios orientados pela própria sociedade (Quiroga & Vitalle, 2013).

A representação social tem como objetivo abstrair o sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, para que reproduzam o mundo de uma forma mais significativa (Moscovici, 2011). E estudar as representações sociais sobre adolescente do meio rural e meio urbano pelos próprios adolescentes pode possibilitar um conhecimento mais aprofundado dessa complexidade de fatores que estão envolvidos nesta etapa da vida deste grupo específico.

### 3.4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A ADOLESCÊNCIA

*“Os adolescentes pedem reconhecimento e encontram no âmago dos adultos um espelho para se contemplar. Pedem uma palavra para crescer e ganham um olhar que admira justamente o casulo que eles queriam deixar.”*

*Contardo Calligaris*

Nas relações sociais dos sujeitos vão surgindo fenômenos sociais que apresentam suas repercussões psicológicas, sendo construído um significado social para esses fatos que vão acontecendo em um processo histórico, que surgem na sociedade moderna, sendo esta chamada de adolescência. Construída como fato social, a adolescência torna-se uma possibilidade para os jovens, uma forma de identidade social (Bock, 2004).

A adolescência significa um conjunto de relações sociais, vividas por elementos classificados como jovens em determinada sociedade. As representações sociais são a ideia de que a juventude é um processo transitório que marca a passagem de uma condição social da dependência para a de independência. A condição da adolescência como uma posição hierárquica social é fundada em representações sociais, que buscam significados que definem quem é e quem não é jovem em um dado contexto sociocultural. Guardam a ideia de que os jovens estariam sujeitos à incorporação de uma série de papéis sociais ou funções socialmente atribuídas pelos meios de socialização e a troca desses papéis sociais (Weisheimer, 2005). Para Calligaris (2000) a adolescência é definida como um estado de moratória, apesar de o adolescente já possuir tempo hábil para assimilar os valores compartilhados na sociedade e possuir um corpo maduro, não é reconhecido como um adulto, sendo considerado um período de espera daqueles que não são mais crianças e também não são considerados adultos.

Mesmo que a adolescência tenha sido marcada pela visão universal de um período entre a infância e a idade adulta, de modo consolidado, sendo marcada fortemente pela ideia de crise de identidade, isso não significa que não haja representações sociais, pois, a própria expressão crise de identidade sustentou as demais representações sociais sobre a adolescência (Quironga & Vitalle, 2003).

Existe uma hegemonia das representações sociais sobre o adolescente e a adolescência que é partilhada socialmente (Salles, 1995). De acordo com os estudos de Paixão (2011) as representações sociais em geral sobre a adolescência são de uma fase relacionada pela liberdade, curtição e pelo desejo de felicidade. Também são marcadas as representações sociais de irresponsabilidade, despreocupação com o futuro, auto-afirmação comportamental que envolvem componentes como sexualidade e drogas (Salles, 1995). Outro aspecto comum é a rebeldia que qualifica profundamente o adolescente (Paixão, 2011). A imagem que os adultos possuem sobre os adolescentes seria com um espelho para se contemplar, pois desejam deixar de lado os deveres e obrigações básicas, e ser feliz e despreocupados quanto gostariam que fossem os adolescentes, ou seja, os adultos desejam ser adolescentes e essa idealização também é dos próprios adolescentes (Calligaris, 2000).

Saber o que pensa o adolescente sobre a adolescência é fundamental para compreender que os adolescentes não possuem um pensamento isolado, mas é propiciado pela sociedade em que vivem.

### **3.4.1 Revisão de literatura sobre representações sociais da adolescência**

Foi realizada uma revisão integrativa de literatura pautada na: 1) elaboração de uma questão de pesquisa orientadora da estratégia de busca; 2) variedade de fontes para a localização dos estudos; 3) definição de critérios de inclusão e exclusão; e 4) avaliação da qualidade metodológica das produções recuperadas (Berwanger, 2007). A revisão integrativa tem como finalidade uma ampla abordagem metodológica, que aceita a inclusão de estudos experimentais e não experimentais, bem como pode abranger vastos propósitos. Estas características contribuem de forma consistente para o entendimento do fenômeno analisado (Souza et. al., 2010).

A escolha dos descritores ocorreu atendendo a necessidade da pesquisa, a partir de leituras anteriores, e foram verificados na busca de terminologias da base de dados BVS-PSI. Procedeu-se o cruzamento das principais palavras-chave relacionadas aos temas investigados: “representações sociais” AND “adolescência” AND “juventude”.

O levantamento dos artigos foi realizado em três bases de dados: o portal de periódicos da Capes, por ser um portal nacional completo que agrega outras bases, o LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), que abrange produção latino-americana, e o portal nacional Scielo. Utilizou-se a estratégia PICO (Problem,

Intervention, Control or Comparasion, Outcomes) (Santos, Pimenta & Nobre, 2007) para a elaboração da pergunta norteadora da busca: *Quais as representações sociais sobre adolescência e juventude apresentadas em estudos científicos de âmbito nacional?*

### **Crítérios de inclusão/exclusão dos artigos**

Foram incluídos somente trabalhos sobre a adolescência e/ou juventude com foco na Teoria das Representações Sociais elaborada por Serge Moscovici, no âmbito nacional e com os textos completos disponíveis nas bases de dados indexadas. Como critérios de exclusão foram desconsiderados livros, capítulos de livros, editoriais, por não passarem por processo rigoroso de avaliação por pares, como ocorre com os artigos científicos. Não houve restrição quanto à data de publicação, sendo desta forma livre.

### **Procedimentos da revisão**

O levantamento dos dados bibliográficos ocorreu em março de 2020 por duas juízas, com base nos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos. A primeira etapa de seleção das produções foi realizada mediante a leitura e a análise dos títulos e resumos de todos os artigos identificados. Após a etapa inicial finalizada, na segunda etapa, realizou-se a leitura na íntegra dos estudos selecionados, e, nesse momento, outros textos também foram excluídos por não atenderem aos critérios estabelecidos. Na terceira etapa, foram extraídas as principais informações dos artigos selecionados, para que se pudesse organizar e realizar as análises descritivas e críticas dos estudos selecionados. Uma síntese destes resultados é apresentada em uma tabela. A partir desta leitura analítica, foram elaboradas categorias temáticas, a partir das aproximações entre os temas. A extração dos resultados das pesquisas encontradas foi realizada com o objetivo de conhecer as RS sobre adolescência/juventude encontradas nas pesquisas nacionais.

### **Apresentação e Discussão dos Resultados**

No portal Capes, utilizando-se os termos de busca “**Representações Sociais**” AND **Adolescência**, foram encontrados no total 331 resultados. Refinando-se a busca somente para artigos, 309. Limitando os termos a adolescência, 47. E a periódicos revisados por pares, restaram 47 artigos. Após a leitura dos artigos, restaram 5 artigos, já que os demais não

atendiam aos critérios de inclusão. Também no portal CAPES, utilizando-se os termos de busca **“Representações Sociais” AND Juventude**, foram encontrados no total 276 resultados. Refinando-se a busca somente para artigos, **246**. Limitando os termos a juventude, 25. E em periódicos revisados pelos pares, restaram 21 artigos. Após a leitura, restou somente um artigo, que já havia sido elencado quando da busca por **“Representações Sociais” AND Adolescência**.

Na base de dados Lilacs também se utilizou os termos de busca **“Representações Sociais” AND Adolescência**, foram encontrados no total 271 resultados. Refinando-se a busca somente para textos completos, 206. Limitando os termos a adolescência, 51. Após a leitura dos artigos, restaram 5 artigos. Também na base de dados Lilacs utilizando-se os termos de busca **“Representações Sociais” AND juventude**, foram encontrados no total 265 resultados. Refinando-se a busca somente para textos completos, 198. Após a leitura dos artigos, restaram 6 artigos, sendo que 4 destes já haviam sido encontrados com os termos **“Representações Sociais” AND Adolescência**.

Na base de dados Scielo também utilizou-se os termos já citados anteriormente, refinando-se a busca da mesma forma que nas anteriores, e foram encontrados no total 55 resultados. Após a leitura dos artigos, restaram 3 artigos. Nesta base de dados, o termo de busca **“Representações Sociais” AND juventude**, com os parâmetros informados, não encontrou-se nenhum resultado.<sup>1</sup>

Sendo assim, o levantamento bibliográfico localizou o resultado de 1.209 artigos no total. Mediante a aplicação dos refinamentos e os critérios de inclusão e exclusão previamente elaborados, a amostra para a análise desta revisão foi constituída por 9 artigos.

A apresentação e discussão dos resultados da análise destes nove artigos selecionados é desenvolvida da seguinte forma: inicialmente, identificação e caracterização dos estudos, com a compilação dos principais resultados. Em seguida, serão expressos, de forma qualitativa, os principais achados das pesquisas selecionadas e suas contribuições, separados nas respectivas categorias que lhes foram atribuídas.

A Tabela 1 mostra a caracterização dos artigos selecionados: Base de dados, autores dos periódicos, ano de publicação, título e delineamento da amostra.

Tabela 1 Caracterização dos artigos selecionados

	BASE / PERIÓDICO	AUTORES	ANO	TÍTULO	DELINEAMENTO DA PESQUISA
A1	LILACS / Psicol. saber soc	Cruz, S. T. M.; Rosa, E. M; Coutinho, S. M. dos S.	2016	Representações sociais de universitários sobre jovens e juventude	308 jovens de ambos os sexos, de 18 a 29 anos
A2	SCIELO / Galaxia (São Paulo, Online)	Pereira, C. da S. P.	2014	Na página ímpar, os jovens de 1968: publicidade e representações sociais das revistas Veja e Realidade, Facebook, Twitter	Dez anúncios publicados nas revistas Veja e Realidade de 1967 e 1968
A3	LILACS, SCIELO; CAPES / Psicologia & Sociedade	Berni, V. L. ; Roso, A.	2014	A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica	6 adolescentes de ambos os sexos, de 11 a 14 anos, vivendo com HIV
A4	LILACS; CAPES / Psico (Porto Alegre)	Santos, M. de F. de S.; Félix, L. B.; Morais, E. R. C.	2012	Representações sociais de juventude em uma comunidade quilombola do agreste pernambucano	35 adolescentes e 30 adultos
A5	LILACS / Psicol. saber soc	Paixão, D. L. L.; Almeida, A. M. de O.; Rosa-Lima, F.	2012	Representações sociais da adolescência por adolescentes e jovens	308 jovens de ambos os sexos, de 18 a 21 anos
A6	CAPES / Psicol. teor. prá	Santos, M. de F. de S.; Neto, M. de L. A.; Souza, Y S. de O.	2011	Adolescência em revistas: um estudo sobre representações sociais	Quatro revistas, duas voltadas para o público adolescente e duas para os pais
A7	LILACS; SCIELO / Psicol. estud	Espíndula, D. H. P.; Santos, M. de F. de S.	2004	Representações sobre a adolescência a partir da ótica dos educadores sociais de adolescentes em conflito com a lei	40 educadores de três unidades da Fundação da Criança e do Adolescente
A8	CAPES / Arq. bras. psicol.	Menandro, M. C.S.; Trindade Z.A.; Almeida, A. M. de O.	2003	Representações sociais da adolescência/juventude a partir de textos jornalísticos (1968-1974 e 1996-2002)	Matérias jornalísticas publicadas na revista VEJA nos períodos de 1968 a 1974 e de 1996 a 2002

A9	LILACS; SCIELO; CAPES / Psicol. reflex. crit	Martins, P. de O.; Trindade, Z.A.; Almeida, A. M. de O.	2003	O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural	360 adolescentes de ambos os sexo, de 14 a 23 anos
----	--	--	------	---	--

Os estudos foram classificados de acordo com o ano de publicação na ordem decrescente. Os resultados apontaram publicações nos anos de 2003 a 2016, sendo que 7 artigos publicados são de 2011 a 2016, demonstrando um maior interesse sobre essa temática nos últimos anos. Esses resultados mostram que, mesmo havendo um grande número de pesquisas publicadas relacionadas à adolescência/juventude, poucas foram realizadas a partir da abordagem da Teoria das Representações Sociais, e estas surgem somente mais recentemente. Além disso, os contextos das pesquisas empíricas encontradas são bastante diversificados, sendo contempladas quase todas as regiões do território nacional, exceto a região Norte.

Quanto ao perfil da amostra dos estudos, foi possível observar que 4 artigos realizaram a pesquisa somente com adolescentes/jovens, 3 foram realizadas sobre o conteúdo de revistas e jornais acerca da temática, 1 artigo com profissionais educadores que trabalham com adolescentes/jovens e também 1 artigo abordou pesquisa com adolescentes e adultos.

Para a realização da análise dos dados observou-se que o software Alceste foi o mais utilizado, sendo que, do total de artigos, mais da metade (5), valeram-se dele para realizar uma Classificação Hierárquica Descendente para analisar os dados obtidos por meio das questões abertas, entrevistas e conteúdo documental. Outros 2 artigos utilizaram a Análise de Conteúdo de Bardin (2011), 2 artigos não especificaram com clareza qual análise dos dados foi utilizada. Um destes artigos aliou o uso do software Simi ao Evoc e Alceste. Todos os estudos que utilizaram questionário com questões de associação livre utilizaram para análise o software EVOC.

As pesquisas que utilizavam meios de comunicação para entender o papel da mídia sobre essa temática, utilizaram os conteúdos publicados em revistas que possuem abrangência em todo o território nacional. E o período das publicações das revistas pesquisadas variou entre os anos de 1967 a 2002, sendo analisados no total 758 matérias. Destaca-se que as revistas selecionadas para os estudos foram aquelas com o maior número de vendas e assinaturas no país, como, por exemplo, Veja e Capricho. Dos 3 artigos que realizaram a investigação em veículos de comunicação impressos, 2 utilizaram auxílio do software Alceste

para realizar as análises e, no outro estudo, não foi possível identificar com clareza qual o método de análise.

Sobre as estratégias metodológicas das pesquisas realizadas com sujeitos (seis pesquisas), nota-se que 3 artigos utilizaram entrevistas individuais como instrumento para a coleta de dados, 2 artigos utilizaram questionários individuais com questões de associação livre e abertas e um dos artigos utilizou ambas estratégias. Para a análise dos dados coletados com sujeitos, 2 artigos utilizaram Análise de Conteúdo de Bardin e o software Evoc, 2 artigos utilizaram o software Alceste e 1 artigo usou os softwares Alceste, Evoc e Simi. Ainda um artigo não deixou claro o método de análise utilizado, apenas citando que está realizando uma análise crítica e sócio-histórica.

Quanto ao número da amostra, este variou entre 6 a 360 adolescentes/jovens e de adultos incluindo os educadores variou entre 30 a 40 sujeitos, sendo uma amostra bastante reduzida se comparada com os adolescentes pesquisados. Em relação à idade dos adolescentes e jovens, esta variou entre 11 a 29 anos. Foram de ambos os sexos, não havendo divisão, sendo assim de forma equitativa.

A partir do conteúdo dos artigos analisados no presente estudo, foi possível apreender duas grandes categorias principais: As **RS dos adolescentes e jovens sobre si próprios**; e as **RS de outros grupos sobre os adolescentes e jovens**. A primeira categoria aplica-se a quatro pesquisas realizadas com os adolescentes e jovens. Na segunda, as três pesquisas que utilizaram revistas e aquelas realizadas com educadores. A última das pesquisas é mista, envolvendo adolescentes e adultos, e portanto, apresenta resultados para as duas categorias. São apresentados, a seguir, as categorias e a discussão acerca dos principais resultados.

### **RS dos adolescentes e jovens sobre a adolescência/juventude**

Como já citado, esta categoria abrange as quatro pesquisas que foram realizadas com adolescentes e jovens, investigando as suas representações sociais: a) o estudo de Cruz, Rosa e Coutinho (2016); b) Paixão, Almeida e Rosa-Lima (2012); c) a pesquisa de Martins, Trindade & Almeida (2003); d) O estudo de Berni e Roso (2014), e, finalmente, uma parte da pesquisa que foi realizada tanto com este público quanto com adultos: e) Santos, Félix e Morais (2012).

O estudo de Cruz, Rosa e Coutinho (2016), com jovens universitários, pesquisou suas representações sociais sobre jovens e juventude, e foi realizado com 308 jovens de ambos os sexos, na faixa etária de 18 a 29 anos. As principais descobertas indicam uma representação

de jovem como alguém que está vivenciando uma fase de preparação para a vida adulta, de aquisição de responsabilidades com o futuro, mas também como alguém imaturo e rebelde, capaz de praticar atos ilícitos. A juventude foi, então, representada como uma fase de preparação para a vida adulta, através da faculdade, e ao mesmo tempo um período de curtição e liberdade.

Paixão, Almeida e Rosa-Lima (2012) investigaram RS da adolescência por adolescentes e jovens. Sua pesquisa foi realizada com 308 jovens, de ambos os sexos, com idade entre 18 e 21 anos. Os resultados indicaram uma visão de adolescente que carrega as marcas históricas da transgressão. As autoras sugerem que as representações sociais da adolescência estão ancoradas em características e conceitos historicamente construídos acerca da adolescência, na percepção atualmente circundante na sociedade sobre a violência juvenil e nas inserções sociais dos sujeitos da representação. Esse entendimento sobre adolescência apaga as identidades dos sujeitos para deixar fluir as características e conceitos historicamente construídos.

A pesquisa de Martins, Trindade e Almeida (2003) apurou RS de adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural, portanto, avaliando diferentes contextos. Participaram 360 adolescentes e jovens, de 14 a 23 anos. Os pesquisadores perceberam que a adolescência, para os dois grupos, está ancorada na percepção tradicional de adolescência, sendo marcada como fase universal e transitória. As autoras verificaram que a forma como os adolescentes vivem a sua adolescência está ancorada na apreensão das concepções mais tradicionais, o que não impede que assumam diferentes configurações, corroborando assim a tendência mais recente que propõe a adolescência como uma condição historicamente construída e, por isso, múltipla (Margulis, 2001). Ocorre, entretanto, uma diferenciação, de acordo com os elementos culturais presentes nos grupos. Esse estudo de Martins, Trindade e Almeida (2003) mostrou uma distinção das representações sociais sobre a adolescência nos diferentes contextos, desta forma evidencia-se que o contexto influencia na formação das representações sociais.

O estudo de Berni e Roso (2014) foi desenvolvido com seis adolescentes, de 11 a 14 anos, que convivem com o HIV. Foi o estudo que envolveu o menor número de participantes, devido à sua especificidade. Pesquisou as representações sociais neste grupo de adolescentes com HIV sobre uma concepção alternativa da adolescência que esteja em sintonia com os pressupostos ontológicos e epistemológicos da Psicologia Social Crítica e da Teoria das Representações Sociais. Este estudo encontrou a RS de adolescência como um processo, ou como “devir” – termo que traz a possibilidade de “vir a ser”, “tornar-se”,

“transformar-se”, “metamorfosar-se” – sem fronteiras delimitadas que separem a infância da adolescência.

Por fim, a pesquisa de Santos, Félix e Morais (2012), ocorreu com adolescentes e adultos de uma comunidade quilombola. Foram investigadas as RS de juventude desta comunidade do agreste pernambucano, com 35 adolescentes e 30 adultos (pais). No que concerne aos adolescentes, assim como nos achados de Berni e Roso (2014), a juventude representa uma fase situada entre infância e vida adulta, atribuindo-lhe diferentes nomeações. Os resultados apontam que, tanto para os adolescentes quanto para os pais, esta fase significa também que o início da vida afetivo-sexual, o divertimento, a participação em festas e o consumo de bebidas são práticas típicas dos adolescentes/jovens da comunidade e os principais marcadores da juventude.

Percebe-se que os artigos que pesquisaram RS de adolescentes e jovens sobre si mesmos, de modo geral, apresentam aproximações entre seus resultados. A dicotomia da representação do adolescente/jovem como alguém que precisa dedicar-se ao futuro, mas sem deixar de aproveitar o momento vivenciado, que apresenta o desejo de liberdade e felicidade, de aproveitar ao máximo as festas, os amigos, e namoros, torna aceitável assim a transgressão de regras, marcando profundamente a rebeldia e a irresponsabilidade no imaginário social (Cruz; Rosa, & Coutinho, 2016; Berni & Roso, 2014).

Os estudos de Cruz, Rosa e Coutinho (2016) indicam uma representação de jovem como um sujeito que está vivenciando uma fase de preparação para a vida adulta, sendo de aquisição de responsabilidades, porém como alguém que é imaturo e rebelde, tendo a capacidade de praticar atos ilícitos. Pode-se observar que a adolescência é enfocada como uma fase da vida que visa atingir objetivos propostos pelos adultos, sendo assim, esta fase é considerada construção social. É possível notar que esse resultado vai ao encontro da pesquisa de Berni e Roso (2014), que conclui que ainda existem representações cristalizadas sobre a adolescência. Nos seus estudos concluíram que a adolescência é vista como um processo, ou como possibilidade de vir a ser, tornar-se, transformar-se, não possuindo fronteiras delimitadas que separem a infância da adolescência.

Os resultados dos estudos encontrados nesta revisão sistemática e incluídos na categoria de RS de adolescentes/jovens sobre si mesmos convergem com os trabalhos de Paixão (2011), no que tange às características de liberdade, curtição e desejo de felicidade, pois, nos trabalhos da autora, são essas características que, normalmente, balizam as representações sociais sobre a adolescência. Os estudos de Weisheimer (2005), apontam representações sociais atreladas à ideia de juventude como um processo transitório, que

marca a passagem da infância para a fase adulta, de uma condição social da dependência para a de independência. Essa visão da adolescência como momento de transição entre a infância e a vida adulta, encontra eco em diversos trabalhos anteriores, como os de Matheus (2002), Zagury (2004), Weisheimer (2005), Wanderley (2007) e Alves (2008).

Os achados desses estudos encontrados confirmam o enunciado por Andrade (2000) que diz que as Representações Sociais de juventude são constituídas por uma dinâmica social, as normas e valores que ditam como um jovem deve ser e o que é esperado dele socialmente. Para Ozella (2003), a concepção vigente e hegemônica sobre a adolescência na Psicologia, na mídia e no imaginário popular, é que ela se trata de uma etapa natural, inerente e própria do desenvolvimento dos sujeitos.

A adesão a novos comportamentos e práticas pode indicar uma busca pela identidade, superando a infância e ingressando no mundo adulto. Na busca dessa identidade, o adolescente vai ao enalço de referências, experimentando-as, pois o que ele almeja sobre a adolescência não é um pensamento isolado, mas propiciado pelos meios orientados pela própria sociedade (Quiroga & Vitalle, 2013). O adolescente estabelece a sua identidade como um indivíduo enquanto mantém suas antigas conexões com elementos de significados do passado, formando novas ligações com os valores de um determinado grupo (BERGER, 2003).

Com relação às diferentes configurações, em diferentes contextos (ruralidades e urbanidades), assumidas pelos adolescentes/jovens para vivenciar essa fase, podemos evocar os trabalhos de Wanderley (2001), que explica que essas diferenças se manifestam no plano das identificações e das reivindicações cotidianas, sendo que a ruralidade passa a ser produzida a partir de uma referência espacial e inserida num campo de trocas sociais. A vida coletiva perpassa os processos de representação simbólica da ruralidade pelos jovens e adolescentes. Assim, por meio das RS, que estão associadas tanto com a vida coletiva quanto com os processos de elaboração simbólica, os sujeitos significam o mundo. (Jovchelovitch, 2000). Segundo Stropasolas (2005), juventude rural é uma categoria social em elaboração, cujo processo de compreensão foi lento.

Os estudos realizados com os jovens/adolescentes, também possuem semelhanças de abordagem teórica e metodológica. Desses, três se apóiam na Teoria do Núcleo Central (Cruz, Rosa, & Coutinho, 2016; Paixão, Almeida, & Rosa-lima, 2012; Martins, Trindade & Almeida, 2003). Estes estudos utilizaram análise de Evocação, no qual ficou evidente através da questão de associação livre que os elementos que aparecem mais frequentemente associados à adolescência são: *Liberdade, Alegria, Rebeldia e Fase*. O estudo de Martins,

Trindade e Almeida (2003) contou ainda com o diferencial de estudar dois contextos urbanos e rural, o que mostrou a importância de observar esta variável.

### **RS de outros grupos sobre os adolescentes e jovens**

Esta categoria inclui quatro pesquisas, das quais três analisaram revistas: a) Pereira (2014); b) Santos, Neto e Souza (2011); c) Menandro, Trindade e Almeida (2003); um artigo que realizou com profissionais que trabalham com adolescentes: d) Espíndula e Santos (2004) e inclui ainda a parte concernente aos adultos, daquele estudo realizado com adultos e jovens/adolescentes: e) Santos, Félix e Moraes (2012).

Dessa categoria, a maior parte dos estudos, ou seja, três deles, foram realizados a partir de coleta em material midiático - revistas. Dos trabalhos que analisaram RS presentes ou veiculadas em revistas, Pereira (2014) optou por examinar dez anúncios publicados nas revistas *Veja* e *Realidade* nos anos de 1967 e 1968. A mídia, segundo esses estudos, se apropria de valores positivos atribuídos aos jovens, atribuindo-lhes o papel de influenciadores, como um modelo a ser imitado, ao mesmo tempo que contribui para a fixação da oposição entre jovens e adultos, sendo considerados dois mundos distintos. Desta forma, a mídia se apropria de valores positivos atribuídos aos jovens, e simultaneamente contribui para a fixação da oposição entre jovens e adultos.

O estudo de Santos, Neto e Souza (2011) investigou RS em quatro revistas, duas voltadas para o público adolescente/jovem e duas para os pais. Suas descobertas apontam diferenças nas concepções de adolescentes. As revistas destinadas aos pais consideram a adolescência como uma fase naturalmente conturbada, enquanto as revistas voltadas para os adolescentes destacam as relações afetivas e sexuais dos adolescentes. Os autores concluíram que as revistas analisadas colocam o problema no outro grupo, pois para a revista voltada aos pais e mães o problema é o adolescente/jovem e para a de adolescentes/jovens, o problema é a incompreensão da família. Os resultados possibilitam inferir processos sociais de reforço e manutenção de certa concepção de família, ao mesmo tempo que mantêm a positividade das identidades grupais.

Menandro, Trindade e Almeida (2003) investigaram RS de adolescência/juventude a partir de matérias jornalísticas publicadas na revista *VEJA*, nos períodos de 1968 a 1974 e de 1996 a 2002. Nos dois períodos estudados, foram identificadas ideias de rebeldia, de dependência e imaturidade, e da condição de estudante na representação de adolescência/juventude. Foi observada a crescente atribuição de importância e

responsabilidade à família no desenvolvimento dos adolescentes/jovens, com marcante presença de discurso profissional/especializado sobre sua imaturidade, com prescrições cada vez mais direcionadas à prevenção de comportamentos de risco. Estão presentes também histórias de exclusão e violência, indicando a associação de conteúdos negativos relacionados aos adolescentes/jovens nos meios de comunicação.

A pesquisa de Espíndula e Santos (2004) foi desenvolvida com 40 educadores de três unidades da Fundação da Criança e do Adolescente, e buscava as RS sobre a adolescência a partir da ótica destes educadores sociais de adolescentes em conflito com a lei. Os resultados obtidos apresentam duas representações de adolescência: a “normal”, caracterizada por um momento de transição, onipotência e dificuldades no processo de desenvolvimento e a “infratora”, “diferente”, oriunda de uma “família desestruturada”, representação que serve de modelo para as interações conflituosas que levam à infração.

Finalmente, a pesquisa de Santos, Félix e Morais (2012), realizada com 35 adolescentes e 30 adultos (pais), em uma comunidade quilombola, indica que, para os adultos, a juventude é caracterizada pela incompletude e imaturidade, uma vez que estes se consideram os responsáveis por orientar os adolescentes/jovens enquanto eles ainda não são suficientemente aptos a terem suas próprias decisões. Se para os pais, a juventude é caracterizada pela incompletude e imaturidade, os adolescentes/jovens atribuem a essa fase o aumento de responsabilidade. E, para ambos, a juventude é marcada por novas práticas afetivo-sexuais e de lazer, e representa a fase de transição entre infância e vida adulta.

Os principais pontos em comum das pesquisas assentadas nesta categoria, além daqueles já presentes na categoria anterior, são a importância do papel do adulto nessa fase, na qual a família tem a função de ser a base para o desenvolvimento de uma adolescência/juventude “normal”, sendo que famílias desestruturadas poderiam ser responsáveis por adolescências/juventudes conturbadas. Como no estudo de Santos, Neto e Souza (2011) que observou que os pais ignoram o papel do jovem no seu processo constitutivo, relacionando as falhas educativas a uma família desestruturada, ou o estudo de Menandro, Trindade e Almeida (2003), em que há preocupação dos adultos com a prevenção dos comportamentos de risco. Percebe-se, também, indicativos de uma percepção de oposição entre adolescentes/jovens e adultos.

Esta categoria também dá indícios de uma visão menos positiva a respeito dos adolescentes/jovens. Vem à tona características não apenas de transgressão própria da fase, mas também de infração, comportamento de risco, conflitos. Apesar disso, as características positivas desta fase (liberdade, felicidade) são desejáveis e desejadas.

Para os estudos identificados nesta categoria, assim como na anterior, a adolescência apresentou-se como uma fase de transição da infância para a idade adulta e como uma fase difícil e conflituosa, complexo processo de crescimento tendo também a representação tradicional sobre a adolescência/juventude. É na pesquisa de Espíndula e Santos (2004), entretanto, que a adolescência/juventude foi representada como transgressora de forma mais contundente e que vem à tona a característica de infratora, com suas intercorrências.

As representações sociais de irresponsabilidade, despreocupação com o futuro, auto-afirmação comportamental que envolvem componentes como sexualidade e drogas, bem como a rebeldia que qualifica profundamente o adolescente, encontram eco na literatura sobre o tema (Salles, 1995; Paixão, 2011). Para os estudos encontrados nesta revisão integrativa que levantam dados em revistas, o mesmo é observado na mídia, que contribui para a representação cristalizada de adolescência/juventude como uma fase para se divertir, aproveitar e viver intensamente, na qual é permitida a irresponsabilidade (Pereira, 2014; Santos, Neto & Souza 2011; Menandro, Trindade & Almeida, 2003). Portes e Gonçalves (2008) a adolescência costuma ser proposta por toda uma tradição sob preceitos e preconceitos, sendo às vezes positivos, e outras, negativos.

Os estudos de Calligaris (2000) abordam a fase da adolescência como um período cujo retorno seria desejável, isto é, a volta à uma fase sem preocupações. A mídia, neste caso, as revistas, reforçam este modelo e o tornam ainda mais atrativo, quanto mais inalcançável para os adultos.

As revistas, nos estudos aqui apresentados, também desempenham outro papel para os adolescentes e jovens. Por intermédio delas, buscam referências, afirmação. Existe uma pluralidade de adolescências/juventudes socialmente construídas, nos mais diferentes contextos, envolvendo, entre outros, identificação de etnia, gênero, religião, contexto geográfico, classe social... com seus respectivos símbolos, comportamentos, características, sentimentos e subculturas. Sendo assim, cada adolescente/jovem pode reinterpretar o que é ser adolescente/jovem, não apenas se contrastando com a infância ou com os adultos, mas também com outros indivíduos da mesma faixa etária (Groppo, 2000).

A compreensão mais aceita de adolescência/juventude é que ela se trata de uma etapa evolutiva específica dos seres humanos, em que o sujeito atinge o ápice de seu processo maturativo biopsicossocial (Jersild, 1976; Osório, 1992), perpassada por transformações físicas, sociais e emocionais, na qual o sujeito tem uma maior percepção da realidade social (Zagury, 2004). É compreensível, portanto, que adultos e adolescentes/jovens expressem essas representações da adolescência/juventude como fase de transição, e que os adultos se

sintam responsáveis por conduzir os mais jovens nesse processo, ou mesmo que se sintam nostálgicos com relação a sua própria vivência desta fase, cobiçando suas características.

Metodologicamente, os estudos desta categoria também guardam aproximações. Os estudos de Santos, Neto e Souza (2011), Espíndula e Santos (2004) Menandro, Trindade e Almeida (2003) usaram como ferramenta auxiliar para a análise o software Alceste, que realiza uma classificação hierárquica descendente (CHD) que apresentada dados na forma de um dendrograma, indicando as classes lexicais e suas oposições. E apenas o estudo de Pereira (2014) realizou uma revisão da literatura e pesquisa documental.

Com relação às RS sobre adolescência/juventude evidenciadas nos estudos analisados, foi possível observar que havia muitas semelhanças entre as duas categorias que despontaram. A visão tradicional de adolescência/juventude como período de transição é a principal delas, sendo que se sobressai tanto nas RS dos próprios adolescentes/jovens, quanto naquelas dos adultos ou da mídia sobre eles.

Apesar de diferentes estratégias, contextos e públicos pesquisados, foram encontradas bastantes semelhanças entre as RS sobre adolescência e juventude, e poucas diferenças. Em ambas categorias, a adolescência como fase de transição foi a característica mais evidenciada. Também percebeu-se que as RS de adolescência, de modo geral, estão ancoradas em conceitos historicamente construídos. Como diferença entre as categorias, observou-se que nas RS de outros ficou mais evidente o papel e a responsabilidade do adulto com relação ao adolescente/jovem.

Foi observado que os textos clássicos apontam como característica da adolescência/juventude, o sentido de pertença, a necessidade identificação, de fazer parte um grupo (Aberastury E Knobel, 1981; Groppo, 2000; Calligaris, 2000). Já nos trabalhos encontrados na busca desta revisão, esta não parece ser uma representação que se sobressaia nos resultados das pesquisas.

Quanto ao número de trabalhos encontrados nesta revisão, este dado pode ser considerado um indicativo de uma reduzida produção científica sobre adolescência e juventude no escopo da TRS, especialmente se for considerado que o levantamento não restringiu data de início e ainda assim, somente 9 artigos atendem aos critérios de inclusão. Observa-se, também, que o tema é objeto de interesse de alguns pesquisadores que persistem nas pesquisas sobre o tema, às vezes com outras parcerias. É o caso de Santos (Espíndula & Santos, 2004; Santos, Neto & Souza, 2011; Santos, Félix & Morais, 2012), que assina três dos artigos, e de Almeida (Martins, Trindade & Almeida, 2003; Menandro, Trindade & Almeida, 2003; Paixão, Almeida & Rosa-lima, F, 2012), também autora de três pesquisas,

duas delas com Trindade (Martins, Trindade & Almeida, 2003; Menandro, Trindade & Almeida, 2003). Verifica-se que as estratégias metodológicas foram diversificadas. Essa diversidade verificou-se tanto no levantamento dos dados, que envolveu entrevistas, questionários, Técnica de associação Livre de Palavras (TALP) e consulta a materiais impressos (revistas), e também nas ferramentas de análise, em que foram utilizados softwares (ALCESTE, EVOC) e análise de conteúdo de Bardin. A prevalência dos estudos foi de natureza qualitativa. Dos estudos em que a abordagem ficou explícita, esta tratou-se de abordagem estrutural das Representações Sociais.

As características metodológicas dos estudos pesquisados são congruentes com a TRS, e permitiram conhecer RS sobre adolescência/juventude no âmbito nacional. A ressalva é que seria importante em novos estudos utilizar-se de estratégias pluri metodológicas, aliando-se levantamento de dados e análises quali e quantitativas, o que não só é possível como recomendável para atender as especificidades da TRS de forma mais abrangente.

Como em alguns artigos pesquisados os instrumentos utilizados para análise dos resultados não ficou explícita, considera-se que, neste quesito, a qualidade metodológica fica prejudicada. Quando faltam informações importantes nestes quesitos, torna-se impossível replicar os estudos, condição necessária para uma pesquisa científica.

Merecem aprofundamento as reflexões sobre o impacto de diferentes contextos, sejam eles geográficos ou sócio-culturais, nas implicações das RS de adolescência/juventude.

Portanto, este estudo teve como objetivo realizar uma Revisão Integrativa sobre as representações sociais sobre a adolescência/juventude nos estudos de âmbito nacional. Os artigos analisados possuem diferentes metodologias aplicadas e diferentes sujeitos analisados, possibilitando assim ter acesso a diferentes visões sobre adolescência/juventude. Ainda assim, evidencia-se que as representações sociais sobre adolescência/juventude são, de certa forma hegemônicas, a partir da visão clássica/cristalizada desta fase do desenvolvimento.

Desta forma, percebe-se que em todos os artigos analisados, as representações sociais sobre a adolescência/juventude possuem a visão tradicional da adolescência/juventude, como momento de transição, sendo esta uma fase do desenvolvimento que é marcado pela rebeldia e liberdade. Sendo uma visão clássica da mídia e no imaginário popular. Essa concepção é vigente e hegemônica também na Psicologia.

Os principais resultados dos estudos, confirmando os autores clássicos, indicam que a adolescência/juventude é vista como um período de transição entre a infância e a vida adulta, sendo marcada por uma fase de rebeldia e imaturidade, o qual é um momento de transformações e desenvolvimento, sendo uma preparação para a vida adulta (Cruz; Rosa &

Coutinho, 2016; Santos, Félix & Morais, 2012). Nos estudos de Cruz; Rosa e Coutinho, 2016, Paixão, Almeida e Rosa-Lima, 2012 evidenciou-se que a responsabilidade que compete ao adolescentes/jovem é sobre o estudo, sendo esta a preparação para o futuro.

Nota-se que os estudos encontrados discutiram sobre a importância de levar em consideração o contexto onde ocorre a adolescência/juventude, pois acreditam que o fator histórico e social é essencial para a formação do sujeito, e conseqüentemente para a construção das Representações Sociais sobre os objetos.

As pesquisas apresentadas trazem contribuições importantes para a comunidade científica, e para toda a sociedade. Sendo assim, considera-se que os resultados encontrados e discutidos são relevantes para o entendimento e compreensão para aqueles que convivem e trabalham com os adolescentes/jovens, contribuindo para minimizar conflitos que nessa fase possam vir a acontecer. São relevantes, ainda, para a compreensão do fenômeno à luz da Teoria das Representações Sociais, contribuindo para novas pesquisas na área, destacando sobre a construção social da adolescência/juventude, como fruto do contexto, da cultura, das crenças, dos elementos do grupo social.

Como limites do presente estudo, considera-se que talvez os termos de busca e ou as plataformas buscadas não tenham possibilitado abarcar toda a produção científica sobre a temática, Portanto, ressalta-se a importância do desenvolvimento de novas pesquisas para que se possa ter uma melhor compreensão sobre essa fase e possíveis estratégias para modificar as representações cristalizadas sobre os adolescentes e jovens.

### 3.5 ADOLESCÊNCIA RURAL

*“Quero num sítio morar, meu rock rural compor, e deixar a vida me levar. ”*

*Geovane Moreira*

A juventude rural é uma categoria social em constante construção, tendo levado certo tempo para o entendimento do modo como esses jovens veem o mundo que os rodeia (Stropasolas, 2005). As condições dos jovens que vivem no meio rural e que vivenciam diferentes realidades, sendo elas as inserções produtivas, o acesso a serviços públicos, acesso

a informação, padrões de sociabilidade, que ocasionam modificações em as suas percepções de mundo, e conseqüentemente o seu desenvolvimento (Guerin, 2017).

Para cursar o ensino médio, em geral, os adolescentes rurais precisam se deslocar até as áreas urbanas dos seus municípios, e assim têm acesso a outra forma de vida e variados modos de relação social (Siqueira, 2004). Os adolescentes rurais vivem a dicotomia entre espelhar-se na cultura urbana que se torna referência para a construção de seu projeto de vida, e normalmente orientados pelo desejo de inserção no mundo moderno, mas se prendem de forma afetiva à cultura de origem. Essa dicotomia demonstra a ambigüidade de quererem ser diferentes e iguais aos da cidade e aos da sua localidade de origem (Carneiro, 1998) e assim os jovens rurais parecem não identificar quais são as suas identidades, as escolhas realizadas por eles podem influenciar a maneira com que eles irão desempenhar seu papel social (Guerin, 2017).

Ser adolescente rural, portanto, carrega o peso de uma posição hierárquica de submissão e isso acarreta a imigração dos jovens para áreas urbanas, que se deve ao fato de enfrentarem problemas de acesso à escola e trabalho, e também pela atração do jovem pelo estilo de vida urbano (Castro, 2009), não sendo um fato recente (Menezes, 2009). A imigração para os centros urbanos, seja ela temporária ou definitiva, expõe os jovens ao contato com um sistema amplo de valores que podem ser absorvidos ou rejeitados pelos adolescentes, atuando tanto no sentido de aumentar os laços identitários com a sua cultura original, quanto no sentido também de negá-los (Carneiro, 1998), pois ser ou parecer rural é ser diferente do padrão social (Kummer & Colognese, 2013). Para Stropasolas (2006) a imigração é o resultado de inúmeras e pequenas iniciativas que procuram a construção da identidade social, que redefine e amplia o ser jovem, possui valores do meio urbanos, mas sem deixar de ser rural e representa a possibilidade de ter acesso a direitos de cidadania e de bens culturais da próprios da modernidade, pois o fato de os jovens migrarem, acabam buscando mudanças que questionam valores nucleares, que redefine, mas não anula o papel do ambiente rural no processo de socialização e no comportamento futuro dos adolescente.

Uma avaliação negativa das áreas rurais em relação ao urbano que levam os jovens a migrarem é a ausência de espaços de lazer, segundo o estudo de Carneiro (1998). E as moças é que tem maior dificuldade sobre sociabilidade e lazer nas áreas rurais, pois não têm acesso ao carro do pai, não são estimuladas como os rapazes a tirar a carteira de habilitação e isso acaba limitando a sua locomoção, e os espaços de lazer fora da comunidade se torna muito limitado. E assim a escola acaba por se tornar num espaço de lazer e interação social para as adolescentes (Stropasolas, 2014).

De acordo com os estudos de Guerin (2017), atualmente os adolescentes rurais incorporam uma identidade rural ao mesmo tempo em que incorporam a identidade urbana e podem ser considerados mais heterogêneos que os adolescentes urbanos. Desta forma essa circulação entre o rural e urbano pode ter suas próprias conclusões, quanto ao melhor modo de vida, e terão uma melhor visão quanto a diferentes culturas e assim aprenderão se socializar entre outros grupos (Carvalho et al, 2009).

### 3.6 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE ADOLESCENTES RURAIS

Os sujeitos nascem e crescem em um mundo rural e urbano, e essa condição se torna uma importante distinção entre os grupos humanos, que é estabelecida por meio de um processo de socialização que também é caracterizado por projetos diferentes de vida, de sistemas de normas, valores e crenças próprios daquele contexto social (Speltini & Palmonari, 1999), ou seja, urbano e rural se referem a diferentes condições de vida (Endlich, 2006).

A maneira como os adolescentes representam em seu universo simbólico a ruralidade está relacionada com sua vida coletiva. Desta forma a teoria das representações sociais se associa não somente com a vida coletiva de uma sociedade, mas também a partir dos processos de elaboração simbólica, fazendo com que sujeitos sociais consigam dar sentido ao mundo, para entendê-lo e nele encontrar o seu lugar (Jovchelovitch, 2000).

A representação social que os adolescentes do meio rural constroem sobre si e sobre o espaço onde vivem constitui a sua identidade e a sua forma de ver o mundo e sentir o desenvolvimento. É importante compreender quais as representações sociais que eles têm sobre a ruralidade, pois a partir dos diferentes olhares que esses adolescente lançam sobre o mundo que os rodeia seria possível observar as possíveis noções de pertencimento em relação ao território (Guerin, 2017). Segundo Carneiro (1998), Brumer (2007), Gaviria e Pezzi (2007); os adolescentes do meio rural se identificam com o modo de vida no campo, mas nem sempre o mesmo ocorre com as práticas agrícolas. A partir das representações sociais pode-se entender de que modo os adolescentes rurais vivenciam o meio rural, pois é possível ter uma forma de saber prático que liga um sujeito a um objeto (Sá, 1998).

Para Wagner (2000) nota-se diferentes representações sociais que os adolescentes possuem sobre a ruralidade, até porque as representações sociais sobre ruralidade são tão diversas quanto a diversidade dos grupos. As diferenças são percebidas no plano das

identificações e das reivindicações na vida cotidiana, de maneira que o “rural” se torna um “ator coletivo”, constituído a partir de uma referência espacial e inserido num campo de trocas sociais (Wanderley, 2001).

As representações sociais dos espaços rurais e urbanos reiteram grandes diferenças, que têm influência sobre as identidades sociais, aos direitos e as posições sociais dos sujeitos e grupos, seja no urbano ou na rural. Para Carneiro (2008, p. 9), o rural, enquanto representação, não é uma categoria analítica, e sim “uma categoria de pensamento que classifica e organiza o mundo social orientando suas ações”.

Portanto, se ouvirmos os adolescentes poderemos compreender as representações sociais e suas expectativas, e assim abriremos as portas para o entendimento sobre o mundo rural, e estaremos possivelmente contribuindo para o processo de inserção dos diversos segmentos dos jovens rurais, e suas demandas específicas na sociedade (Stropasolas, 2006).

### 3.7 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O MEIO RURAL

Quando se fala sobre os adolescentes que vivem no meio rural é necessário contextualizar o local em que eles vivem. O meio rural pode ser identificado com outros nomes como campo, interior, roça e “meio do mato” e o meio urbano de cidade, centro e capital.

Sobre uma definição universal, não existem critérios válidos para a delimitação das fronteiras entre o rural e o urbano (Abramovay, 2003). No Brasil, a definição estabelecida pelo IBGE, considera a área urbana como toda sede municipal, independente do número de habitantes. E o rural é o espaço em torno deste núcleo, onde os habitantes são dispersos ou se concentram em pequenos grupos de moradores. Segundo Candiotto e Corrêa (2008), o meio rural é caracterizado com pouca densidade populacional e técnica, com predomínio de paisagens com vegetação e de atividades agro-silvo-pastoris. Nas últimas décadas vem ocorrendo o processo de industrialização da agricultura que tem eliminado gradativamente a separação do rural e do urbano, dificultando ainda mais a sua delimitação. Pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, vem encontrando inadequações na definição do que seja rural e urbano no Brasil (Jacinto, Mendes & Perekouskei, 2012).

É importante ressaltar que a identidade social não se define apenas em residir no meio rural ou urbano que é caracterizado através de limitações geográficas e populacionais.

Carneiro (2012) diz que é possível falar da expressão de identidades rurais em espaços tidos como urbanos e vice-versa, ou seja, a desterritorialização da cultura nos deixa livre para pensar a ruralidade como um local onde o urbano também pode se constituir em elemento definidor da identidade de atores coletivos. Para Halfacree (1993) o rural deve ser percebido pelo que o faz ser rural, e não pelo que se supõe sê-lo.

Na condição de representação, o rural e o urbano são considerados como uma construção simbólica que tem ancoragem territorial, mas que transita fora dos limites físicos desse espaço. O meio rural é regrado de representações. As representações do rural que predominam nas sociedades contemporâneas se encontram fortemente associadas a um sentimento de perda que acompanha a civilização industrial moderna, pois o campo assumiu uma posição de herança, porque nos mostra como foi o nosso passado (Redclift; Woodgate, 1994 apud Anjo; Caldas, 2014). Os estudos realizados por Rye (2006) mostram a predominância de uma representação social que vincula duas fortes imagens do rural: a ideia do idílico e a do tédio, contraditórias entre si, mas complementares.

O ambiente rural possui uma imagem de idílico, que sobressaem numa representação social que emerge no cerne de uma sociedade marcada pelo que se convencionou no “pós-produtivismo” (Wilson, 2007; Wilson, Rigg, 2003 Apud Anjo; Caldas, 2014). Nesta forma, o rural atualmente é retratado como lugar de refúgio da modernidade e manifestação clara de heranças despertadas em amplos setores de uma sociedade que anseia o reencontro com o tradicional, o autêntico, o exótico, o singular (Short, 1991).

A ideia principal que suporta a representação social e que reproduz ações discursivas e não discursivas é a associação do rural com a natureza, e a biodiversidade (Anjos & Caldas, 2014). A relação com a natureza é vista que a vida que ali se desenvolve é percebida como qualitativamente superior à das cidades (Rie, 2006). Wanderley (2000) aponta duas características quando se fala sobre o meio rural: a primeira é a relação que os seus habitantes estabelecem com o meio ambiente, como lidam por meio do seu trabalho; e são observadas as relações sociais, também diferenciadas. Para essa mesma autora, "o rural não se constitui como uma essência, imutável, que poderia ser encontrada em cada sociedade. Ao contrário, esta é uma categoria histórica, que se transforma" (2000, p. 88).

## 4.MÉTODO

### 4.1 NATUREZA E DELINEAMENTO

A presente pesquisa é um estudo de abordagem qualitativa e quantitativa, de natureza exploratória, ideal para a realização de descobertas em campos pouco explorados e, descritiva, pois tem como objetivo a descrição de determinada população ou fenômeno (Gil, 2009), como é no caso em questão, que busca tratar das representações sociais sobre o adolescente rural e urbano.

### 4.2 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa ocorreu em escolas estaduais, localizadas nos municípios do planalto norte catarinense. A população total deste território é de aproximadamente 357.039 habitantes (IBGE, 2010). Os municípios foram: Itaiópolis, Mafra, Major Vieira, Monte Castelo, Papanduva e Rio Negrinho. Foi selecionada uma escola em cada município em que possuísem em seu currículo o Ensino Médio, e que recebessem estudantes provenientes do meio rural e urbano.

O Planalto Norte Catarinense tem características econômicas análogas, baseadas na agricultura, com baixo nível de industrialização e voltadas mais ao setor extrativista (Andrejow, et al, 2018). Segundo dados do EPAGRI (2016), o Planalto Norte possui cerca de 7,34% das pequenas propriedades de todo o Estado Catarinense e cerca de 85% dessas áreas são destinadas à agricultura familiar. É considerada pequena propriedade toda área de um a quatro módulos fiscais, sendo que nos municípios do Planalto Norte o módulo fiscal tem área de 16 hectares, logo considerada pequena propriedade áreas de 16 a 64 hectares ( Incra, 2017).

De acordo com IBGE (2010) o planalto norte catarinense possui 34.328 adolescentes na faixa de 15 a 19 anos de idade, sendo destes 23,63 % residentes na área rural. No estado de Santa Catarina esse número é menor, sendo 16%, e no âmbito nacional aproximadamente 15% dos adolescentes residem no meio rural. Desta forma vale ressaltar a importância de realizar a pesquisa na região, devido ao número de adolescentes rurais no Planalto norte ser

maior que o número nacional e estadual.

### 4.3 PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 159 adolescentes de ambos os sexos, sendo 70 residentes no meio rural e 89 do meio urbano. Os critérios de inclusão foram que estivessem matriculados regularmente no Ensino Médio em uma escola que recebe estudantes do meio urbano e do meio rural e que aceitassem participar da pesquisa. E o critério de exclusão era aquele em que os pais não aceitavam que seus filhos menores de idade participassem da pesquisa.

### 4.4 TÉCNICA E INSTRUMENTOS DE COLETA

Considerando as orientações da OMS (Organização Mundial de Saúde), sobre o distanciamento social em relação ao Covid-19, a técnica para obtenção dos dados consiste em um questionário, que foi aplicado de forma online. O questionário é técnica de investigação composta por um conjunto de questões abertas e fechadas que são submetidas aos sujeitos com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores e comportamentos (Gil, 2009) e duas questões de evocação livre com termo indutor "adolescente residente no meio rural" e "adolescente que vive no meio urbano". Utilizou-se também a técnica da substituição que consiste no indivíduo responder como outros o fariam (Menin, 2006). Desta forma, essa técnica possibilita identificar a zona muda das Representações Sociais. Além de questões sociodemográficas e de caracterização para contextualizar o indivíduo em seu contexto social (Silva & Bousfield, 2016). O instrumento foi realizado em um formulário online do Google Formulários (<https://docs.google.com/forms/>).

### 4.5 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

A escolha pelas escolas se deu através de uma seleção, no qual as escolas deveriam ter em seu currículo o Ensino Médio, e que recebessem estudantes provenientes do meio rural e urbano. A pesquisa ocorreu da seguinte forma: A pesquisadora entrou em contato com

as escolas e apresentou o estudo e esclareceu o objetivo da pesquisa, também explicou que a participação dos alunos é de forma voluntária e sem identificação.

Durante a realização da pesquisa ocorreu a pandemia do Covid-19, com início em março de 2020 e assim as aulas foram suspensas no estado de Santa Catarina, como forma de prevenção do contágio. As aulas retornaram de forma online e assim o método da pesquisa teve que ser adaptado para um questionário online. Desta forma a pesquisa ocorreu da seguinte forma: a pesquisadora produziu um vídeo, no qual explicou sobre a pesquisa e seu objetivo. Foi enviado aos estudantes pelo Google Classroom, mesma sala de aula virtual que é utilizado por eles para as aulas de forma remota. Nesse vídeo também foi solicitado que os estudantes apresentassem para seus responsáveis o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que seria enviado em conjunto com o vídeo. Neste mesmo vídeo foi explicado que para aqueles pais que lessem o Termo e aceitassem que seus filhos participassem da pesquisa, deveriam escrever de próprio punho a autorização da participação. Também foi explicado no vídeo como elaborar essa autorização (Apêndice D), sendo a mesma que consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os alunos realizaram um registro fotográfico da autorização assinada pelos pais e encaminharam para a pesquisadora através do aplicativo de conversas Whatsapp. Com o recebimento dessa autorização a pesquisadora enviava o link do questionário também pelo aplicativo de conversas Whatsapp para que os estudantes respondessem de forma online. No início do questionário consta o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, no qual os estudantes realizaram a leitura, e após a leitura os estudantes que concordaram, responderam o questionário que constava logo em seguida.

Esse novo método de pesquisa foi submetido para a avaliação do Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos dia 28 de julho de 2020. A nova versão da pesquisa foi aprovada no dia 15 de setembro de 2020, sob o parecer 4.279.008. E assim retomou a coleta de dados. Nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro a coleta teve outra pausa, devido ao período de férias do ano letivo. O retorno da pesquisa com os estudantes ocorreu na primeira semana de março e finalizou na segunda semana de maio de 2021.

#### 4.6 ANÁLISE DE DADOS

Os principais resultados deste estudo estão divididos em quatro partes. Na primeira delas apresenta-se as características sociodemográficas dos participantes, a fim de auxiliar na contextualização dos dados da pesquisa, realizada através do software Jamovi. A

segunda parte também foi utilizado o software Jamovi, no qual realizou uma análise ordinal qualitativa sobre as questões que possuíam formato de escala com 5 pontos. A terceira etapa foi realizada uma análise das Evocações Livres a partir dos dados obtidos, realizou-se uma análise lexicográfica dos dados e considerou-se a frequência e a ordem de evocação destas palavras, por meio do programa IRaMuTeQ (Ratinaud, 2012). As palavras destacadas como mais importantes pelos participantes foram analisadas por meio da confirmação de centralidade. Essa confirmação se dá através da proporção entre o número total de evocações pelo número de evocações das palavras mais importantes. A quarta etapa parte efetuou a análise das questões abertas através do software IRaMuTeQ, no qual os dados foram submetidos a uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que consiste em calcular a frequência que uma palavra ocorre ao longo do texto, relacionando a quantidade de ocorrências com as posições do texto em que cada palavra aparece. O software realiza um cálculo e determina um indicador de frequência estatística conhecido como qui-quadrado ( $\chi^2$ ). Quanto maior o valor do  $\chi^2$  de uma palavra, mais representativa ela é dentro da fala dos participantes da pesquisa. O software divide o corpus em classes de acordo como número de associados que ocorreu no cálculo do  $\chi^2$  de cada item lexical. (Camargo & Justo, 2013).

#### 4.7 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

De acordo com a resolução N<sup>o</sup> 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina, que foi aprovada no dia 15 de setembro de 2020, sob o parecer 4.279.008.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 159 adolescentes sendo, 91 (57,2 %) do sexo feminino, 66 (41,5%) do sexo masculino e 2 (1,3%) responderam como outros. Com respeito à residência, 54 (59,3%) adolescentes do sexo feminino residem no meio urbano e 37 (40,7%) residem no meio rural; dos adolescentes do sexo masculino, 34 (51,5%) residem no meio urbano e 32 (48,5%) residem no meio rural. Desta forma, em relação ao total dos adolescentes, 89 (56%) residem na área urbana e 70 (44%) residem na área rural.

A idade dos participantes variou entre 15 e 19 anos (  $M=16,3$ ;  $Mo=16$  ;  $DP= 0,941$ ). Em relação aos municípios e seus respectivos contextos em que residem, 50 (31,4%) adolescentes são de Major Vieira, sendo que 36 (72%) residem na área rural e 14 (28%) na área urbana. Do município de Itaiópolis 45 (28,3%) participaram, sendo 15 (33,3%) da área rural e 34 (66,7 %) residentes na área urbana. No município de Mafra responderam 45 (28,3%) adolescentes, sendo 13 (28,8%) residentes no meio rural e 32 (71,2%) do meio urbano. No município de Papanduva participaram 9 (5,6%) adolescentes sendo 4 (44,4%) residentes do meio rural e 5 (55,6%) do meio urbano. Em Rio Negrinho participaram 4 (2,51%) adolescentes, todos residentes do meio urbano. E por fim, em Monte Castelo que teve 2 (1,2%) participantes, ambos residentes do meio rural. Desta forma, foram contemplados seis municípios do planalto norte catarinense.

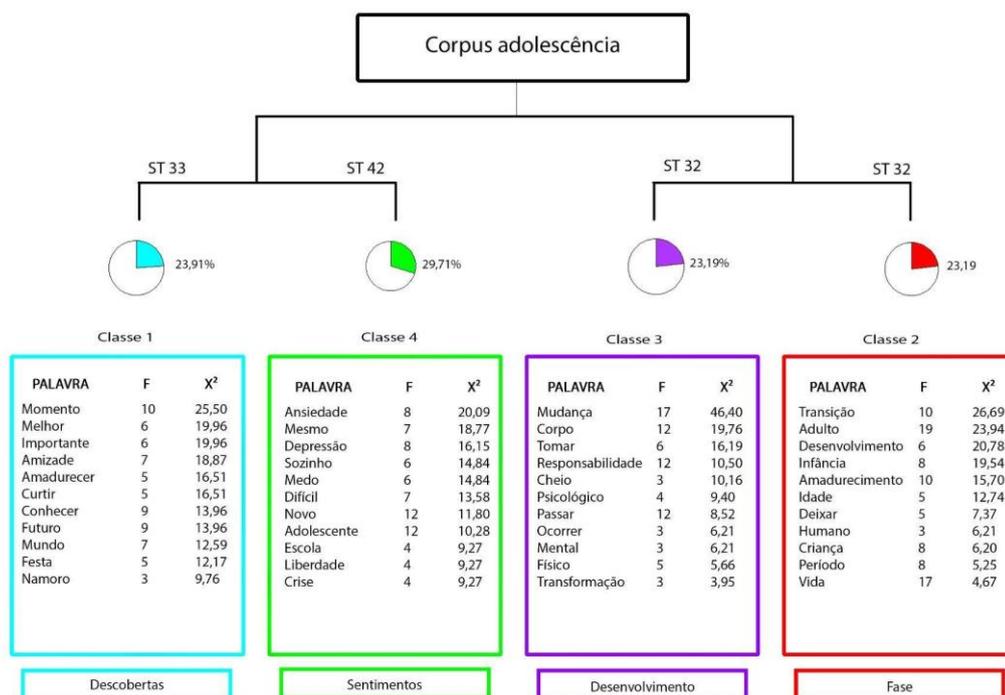
No que diz respeito ao tempo que estudam na escola atual, 25 (15,7%) adolescentes frequentam a escola a menos de 1 ano, 90 (56,6%) adolescentes frequentam a escola a mais de 1 ano, 16 (10 %) frequentam a escola a mais de 5 anos e 27 (16,9%) adolescentes frequentam a escola por 10 anos ou mais. Em relação ao tempo que esses adolescentes levam de casa até a escola, 95 (59,7%) demoram em torno de 5 a 29 minutos, 52 (32,7 %) de 30 a 59 minutos, 8 (5%) de 60 a 90 minutos e 4 (2,5%) mais de noventa minutos. Isso se deve ao fato das escolas serem localizadas na área central dos municípios.

## 5.2 ADOLESCÊNCIA

### 5.2.1 Representações sociais sobre adolescência

Para a constituição desse corpus a pesquisadora fez a seguinte pergunta: *O que é adolescência para você?* Desta forma, o corpus sobre adolescência foi constituído por 159 textos, separados por 190 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 138 STS (86,79%). Emergiram 4.616 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 953 palavras distintas e 515 com uma única ocorrência. O software dividiu o corpus em subcorpus, gerando quatro classes. Primeiramente o corpus foi dividido em dois sub-corpora, o primeiro gerou a classe 1, com 33 ST (23,9 %) e a classe 4, com 42 ST (29,7%). O segundo sub-corpora gerou a Classe 2, com 32 ST (23,2%) e a classe 3, com 32 ST (23,2%).

**Figura 1.** Dendrograma das Classes geradas pela CHD



A classe 1 foi denominada como: “Descobertas” que reúne argumentos positivos sobre a fase de adolescência, pois palavras como “momento”, “melhor”, “importante” e

“amizade” demonstram satisfação dos adolescentes em estarem vivenciando essa fase. Isso pode ser demonstrado com o trecho a seguir:

*A adolescência é um momento de diversão, alegria, tristeza e de conhecer novas amizades e de planejamentos para o futuro é um momentos de estudos, festas, diversão, e tudo mais também é um momento de pensar o que queremos da vida, momento de refletir nossos passos e planejamentos ( participante 3, meio urbano, masculino).*

Nos estudos de Martins, Trindade e Almeida, (2003) e Paixão, Almeida e Rosa-Lima (2012) mostrou as qualidades atribuídas pelos adolescentes às suas vivências da adolescência como uma fase de alegria e curtição. Além de ser importante nesse momento a interação com outros adolescentes e assim fortalecendo laços de amizades e iniciando relacionamentos amorosos. O que pode ser exemplificado no trecho:

*É uma fase importante da nossa vida, onde aprendemos muitas coisas necessárias para nossos futuros, onde crescemos e amadurecemos. É nessa fase onde começam as paixões, onde conquistamos muitas amizades, ela é muito importante para todos (participante 105, meio urbano, feminino).*

É também nesse momento que os adolescentes adquirem a capacidade de pensar no que poderia acontecer, podem imaginar como poderiam ser as coisas, podendo assim supor futuras tarefas, escolhas e possibilidades (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvares, 2009). E assim o adolescente percebe que é nesse momento que ele poderá aproveitar a vida sem preocupações, pois logo entrará na vida adulta, e assim terá um aumento de responsabilidades e terá que tomar decisões sobre o futuro. A construção da identidade acontece quando os adolescentes assumem compromissos (Stephen, Fraser, & Marcia, 1992).

A classe 4 foi nomeada como: "Sentimentos". Sentimentos estes que estão diretamente ligados pela mudança de fase que ocorrem na adolescentes, que trazem novas experiências e sensações, cercados assim de medos pelo algo novo que estão enfrentando. A literatura tem trazido como fenômenos frequentes na adolescência os sentimentos de depressão e ansiedade. E isso é notável nas falas dos adolescentes:

*Uma fase da vida em que o adolescente se sente pressionado pelos padrões da sociedade e com essa pressão toda a pessoa se sente inseguro com si mesmo assim podendo ocasionar por exemplo: depressão, ansiedade e crise existencial, e tendo tudo isso em mente é aí que*

*você cria sua maturidade pelo fato q você tem que suportar todas essas angústias sozinho. E é quando você quer conhecer novas pessoas e novos amigos e esses amigos que botam um sorriso sincero na cara por que eles também passam por essa fase ou já passaram então eles sabem como se sentem* ( participante 38, meio rural, feminino).

Campos (2016) fala que adolescência é um momento de vida em que pode haver a prevalência de altos níveis depressivos. E para Soares e Martins (2010) níveis de ansiedade. Menandro, Trindade e Almeida (2003) consideram normal a presença de sentimentos de angústia, insegurança e ansiedade, pois existe uma pressão social para que os adolescentes realizem escolhas e assumam responsabilidades diante da vida adulta que se aproxima, e assim é comum que os adolescentes sintam-se confusos.

É importante a realização de projetos de prevenção e intervenção que promovam o desenvolvimento saudável do adolescente (Garber & Weersing, 2010). Essas medidas precisam ser exercidas principalmente nos ambientes familiares e escolares, para que não ocorra o surgimento de transtornos mentais na vida adulta desses adolescentes (Feitosa, Ricou, Rego, & Nunes, 2011).

A classe 3 foi denominada “Desenvolvimento”, traz os discursos dos adolescentes sobre as mudanças físicas e psicológicas que ocorrem na fase da adolescência. Esta classe teve maior associação com as adolescentes do sexo feminino. Este fato, segundo Kimmel e Weine (1998) pode estar relacionado as diferenças do início da puberdade entre os sexos, pois adolescentes do sexo feminino ingressam na puberdade em média dois anos antes que os adolescentes masculinos. Como demonstrado nos trechos:

*Adolescência é onde acontece muitas transformações tanto no nosso corpo e também transformações psicológicas* (participante 157, meio urbano, feminino).

*Além de ser a fase em que nosso corpo passa por mudanças, para mim é também o momento em que começamos a perder a mentalidade de criança e passamos a ter mais responsabilidade e objetivos de vida* (participante 16, meio rural, feminino).

Ozella (2002) fala que mudanças no corpo como altura e alterações biológicas de gênero, como crescimento dos seios e desenvolvimento cognitivo são marcas que a sociedade destaca. E assim como os outros olham o adolescente, serve de construção da própria imagem que o adolescente faz de si. Desta forma, o fato da mulher amadurecer fisicamente antes que o homem influencia no seu amadurecimento psicossocial, pois por ter um corpo com as

características de um adulto, somado aos efeitos dos hormônios sexuais, a adolescente feminina é confrontada com questões relacionadas a relacionamento amoroso, às divisões das tarefas domésticas e à perspectiva para o futuro, antes mesmo que dos adolescentes masculinos (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvaes, 2009).

Para esses mesmos autores o adolescente ter um corpo de adulto, acaba interferindo nas relações interpessoais, pois serve como um indicador de maturidade (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvaes, 2009). Sendo assim, a visão de que os adolescentes passam por fases de mudanças e estão em processo de amadurecimento se vão de encontro com a representação de adolescência disseminada pela Psicologia do Desenvolvimento, que diz que o fator biológico comanda um processo de mudanças no corpo em função da puberdade e essas mudanças seriam acompanhadas por um amadurecimento o que não é apenas fisiológico, mas também psicológico (Paixão, Almeida & Rosa-Lima, 2012). A

Classe 2 foi denominada como “Fase”, a qual mostra como as falas dos jovens são compatíveis com as do senso comum, no qual a adolescência é entendida como uma fase intermediária para a adultez, pois são associadas fortemente a partir das concepções tradicionais de adolescência (Hall, 1904; Aberastury & Knobel, 1988). Desta forma, mostra que a visão que os adolescentes possuem sobre a adolescência é ancorada em conhecimento científico produzido há muito tempo atrás. Para Menandro, Trindade e Almeida, (2003) estas representações sociais, são ancoradas pelas proposições da teoria de Hall sobre a adolescência. Observe os discursos dos jovens a seguir:

*É a fase de transição entre a infância e a vida adulta. Assumimos responsabilidades e recebemos responsabilidades. Encaramos a realidade de frente, deixando o conforto da acomodação de lado e concorrendo atrás dos nossos objetivos ( participante 121, urbano, feminino)*

*É a passagem da fase de ser criança para ter um amadurecimento e chegar na fase adulta (participante 7, meio rural, feminino).*

*É a transição da infância para a vida adulta, fase de aprender a ter responsabilidade sobre os atos (participante 93, meio urbano, masculino).*

E a ideia de fase é representada no imaginário social quando os sujeitos pensam sobre a adolescência (Paixão, Almeida e Rosa-Lima, 2012). As representações sociais são um sistema de interpretação da realidade, Vala ressalta que:

“Os indivíduos constroem representações sobre a própria estrutura social e as clivagens sociais, e é no quadro das categorias oferecidas por essas representações que se auto posicionam e desenvolvem redes de relações, no interior das quais se produzem e transformam as representações sociais. Quer dizer, por um lado, as representações sobre a estrutura social, enquanto variável independente suscitam sistemas de categorização ou grupos sociais; mas, por outro, as representações sociais, enquanto variável dependente, são construídas no interior dessas categorias ou grupos sociais” (Vala, 1997, p. 381).

Para Martins, Trindade e Almeida (2003) a forma que o adolescente vive sua adolescência está ancorada na apreensão das concepções mais tradicionais de adolescência, mas isso não impede que assuma diferentes formas de compreender a adolescência. Nota-se que os adolescentes partilham da mesma representação social.

### 5.2.2 Traços, sentimentos e hábitos na adolescência

A fim de investigar como cada grupo vivencia a adolescência, realizamos algumas questões tipo escala de cinco pontos sobre a frequência de alguns traços, sentimentos e hábitos frequentes da adolescência. A escala é de 1 a 5, sendo 1 para nunca e 5 para sempre. A Tabela 2 mostra os resultados para os dois grupos:

Tabela 2 - Frequência traços, sentimentos e hábitos

Traços, sentimentos e hábitos	Rural Média (IQ)	Urbano Média (IQ)	P
Liberdade	2 ( 2- 3 )	2 ( 2-3 )	0,959
Crise	2 (1- 2 )	2 ( 2-3)	*0,005
Alegria	4 ( 3-5)	3 ( 2-4 )	*0,012
Rebeldia	2 ( 1-2,75)	2 (2-3 )	*0,003
Curtição	2 ( 2-3 )	2 ( 2-3 )	0,713
Descobertas	3 (2-4 )	3 ( 2-5 )	0,173

Tristezas	2 ( 2-2 )	2 (2-3,25 )	*< .001
Agressividade	2 ( 1-2 )	2 ( 1-3 )	*0,018
Curiosidade	3 ( 2,25-4 )	3,5 (3-4,25 )	0,628
Pensamentos negativos	2 (2-3 )	2 ( 2-4 )	*0,006
Namoro	2 (2-3 )	2 (2-3,25)	0,955
Responsabilidades	4 ( 3,25- 5 )	4 ( 3-5 )	0,152
Irresponsabilidades	2 ( 1-2 )	2 (2-3 )	*0,007
Música	4 ( 3-5 )	4 (3-5 )	0,116
Fase boa	4(3-4 )	3 ( 2-4 )	*0,010
Fase ruim	2 ( 2-3 )	2 (2-3)	*0,021
Amizades	4 ( 3-5 )	3,5 (2-5 )	*0,015
Preocupações	3 (2-4 )	3 (2-4,25 )	0,353
Drogas	1 ( 1-1 )	1 ( 1-2 )	*0,031
Festas	2 (2-3 )	2 ( 2-3 )	0,710

IQ – intervalo interquartil; \*p<0,05

Conforme se observa em valores de p, sendo p maior que 0,05, demonstra que não existem diferenças entre os grupos, sobre liberdade (MD=2), cortiço (MD=2), descobertas (MD=3), namoro (MD=2), responsabilidades (MD=4), ouvir música (MD=4), preocupações (MD=3) e festas (MD=2). O que apresentou maior frequência na vida desses adolescentes é a música, sendo umas das principais atividades de lazer na adolescência ( Nodari et al, 2016). Para Crozier (2000) a adolescência é o período em que o tempo dedicado à música e a ouvir música está no seu auge. O sentimento de responsabilidade também foi bastante frequente para esses adolescentes, pois é a aquisição de responsabilidade é o que o prepara para a fase

adulta (Gadêlha & Gonçalves, 2020). Os sentimentos de descoberta e preocupações também foram frequentes, para Silva (2018) as maiores descobertas do ser humano estão se definindo durante a adolescência. Descobertas sobre sexualidade (Martins & Souza, 2013), e seu papel dentro do contexto social (Gadêlha & Gonçalves, 2020), por exemplo. Sobre sentimentos de liberdade, curtidão, participação em festas e namoro, apresentou baixa frequência, mas deve se levar em consideração que no momento da pesquisa estava ocorrendo a pandemia do Covid-19, e a sociedade se encontrava em isolamento, afetando assim a respostas dos adolescentes, pois esses aspectos estão diretamente ligados às restrições do isolamento social.

Sobre a diferença entre os grupos, nota-se uma diferença significativa. E isso foi notado na frequência de crise, alegria, rebeldia, tristeza, agressividade, pensamentos negativos, irresponsabilidades, fase boa, fase ruim, amizades e drogas.

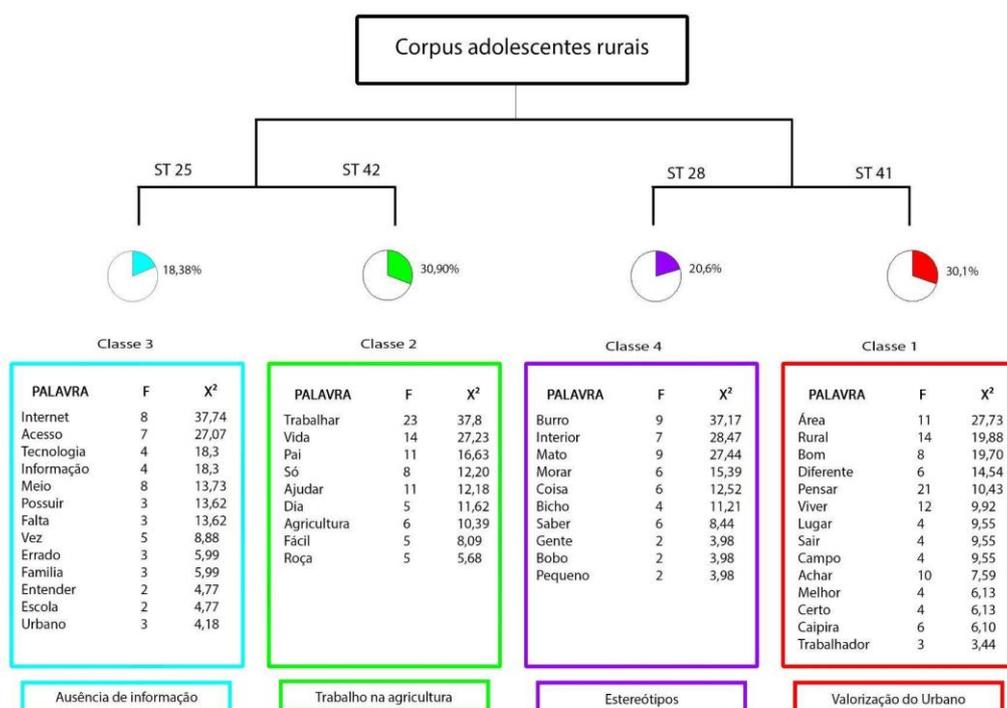
Os adolescentes residentes no meio rural apresentaram mais intensidade a alegria (MD=4) e amizades (MD=4) e que a adolescência pode ser considerada frequentemente como uma fase boa (MD=3). Já os adolescentes urbanos a alegria (MD=3), e sentimentos que adolescência é uma fase boa são frequentes (MD=3), e amizades apresentam baixa frequência (2,5=MD). Os itens de crise, rebeldia, tristeza, agressividade, pensamentos negativos, irresponsabilidades e fase ruim, apesar da mediana ter sido 2, para ambos os grupos, constata-se que 75% dos adolescentes urbanos apresentaram uma cotação  $\geq 3$ , exceto drogas (MD=1) apresentou 75% dos adolescentes urbanos apresentaram uma cotação  $\geq 2$ .

### 5.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE ADOLESCÊNCIA RURAL

Para a constituição desse *corpus* a pesquisadora fez a seguinte pergunta: *O que você acha que os adolescentes que vivem na área urbana pensam sobre os adolescentes que vivem na área rural?* Essa pergunta teve como objetivo acessar a zona muda como a representação intergrupala.. Desta forma o *corpus* sobre o adolescente que vive no meio rural foi constituído por 159 textos, separados por 161 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 136 ST (85,53 %). Emergiram 2.273 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 600 palavras distintas e 363 com uma única ocorrência. O software dividiu o corpus em subcorpus, gerando quatro classes. Primeiramente o corpus foi dividido em dois sub-corpora, o primeiro gerou a Classe 3, com 25 ST ( 18,38%) e Classe 2, com 42 ST ( 30,9 % ). O segundo sub-corpora gerou a Classe 4, com 28 ST (20,6%) a

Classe 1, com 41 ST (30,1 %).

**Figura 2.** Dendrograma das Classes geradas pela CHD



A Classe 3 foi nomeada como “Ausência de informação”, pois mostra as representações sociais de que os adolescentes que vivem no meio rural possuem pouco ou nenhuma tecnologia, tendo ausência de internet e assim ocorrendo falta de informações de forma geral. Essa classe foi mais associada aos adolescentes residentes do meio rural (endogrupo).

Segundo o IBGE (2016), na área urbana, o percentual de domicílios que possuem

Internet é de 80,1% e, na em área rural, 41,0%. Para Rodriguês (2020) em Santa Catarina, quanto mais afastado dos centros urbanos, mais difícil é o acesso às tecnologias, principalmente àquelas que dependem de internet, e em muitos casos, nenhum acesso. Desta forma, se perpetua no campo representacional a visão de que as pessoas residentes no meio rural são atrasadas e desconhecem as tecnologias. No qual é relatado pelos participantes:

*Que muitas vezes eles não têm acesso a informações, e que isso acaba atrasando eles, de forma que, demoram pra saber dos acontecimentos (participante 79, meio urbano, feminino)*

*Que são atrasados, que não entendem sobre as tecnologias, que vivem isolados e não sabem o que está na moda, que falam errado (participante 156, meio rural, masculino)*

*...passam muito tempo trabalhando, que não recebem muitas informações por falta de conectividade (participante 119, meio rural, feminino).*

É fundamental a criação de políticas públicas para que essa situação se reverta, pois nos dias atuais a internet é fundamental, não somente para a socialização desses jovens, mas também para fins de trabalho e estudo. A ONU (Organizações das Nações Unidas), em 2011 reconheceu o acesso à internet como um direito humano.

No ano de 2019 o MEC lançou uma lista de compromissos para a educação básica. Um dos pontos desta lista é ter conexão à internet em 6,5 mil escolas rurais no país, prevendo um investimento de R\$120 milhões até dezembro de 2022, sendo beneficiados ao total de 1,7 milhões de estudantes. Sendo assim, enquanto não ocorre a efetivação das políticas públicas citadas anteriormente, Chauveau (2014) fala que para os jovens, morar nas áreas rurais do estado de Santa Catarina, significa, morar distante de outras casas, não ter acesso de mobilidade e a internet e não ter outra escolha para o trabalho senão a agricultura. E isso vai de encontro com a próxima classe.

A classe 2 foi nomeada como “Trabalho na agricultura”, por mostrar que a vida dos adolescentes no meio rural está associada ao trabalho na atividade agrícola, ou seja, existe uma representação social que morar no meio rural está diretamente ligado a trabalhar na agricultura, e não somente isso, mas há um trabalho pesado. Essa associação esteve presente em ambos os contextos. Nota-se na fala do adolescente a seguir:

*Que são trabalhadores e ajudam os pais na agricultura (participante 52, meio rural, masculino).*

Existe uma diferenciação entre o trabalho urbano e trabalho rural, que passa pela representação do tempo livre. Isso se deve ao fato de que os trabalhadores das áreas urbanas recebem no tempo livre, como finais de semanas e feriados. Já para os moradores de áreas rurais, precisamente os agricultores, existe uma pressão social sobre o valor do trabalho, pois o tempo livre é visto como um tempo perdido, desconhecendo feriados e finais de semana (Renk, Dorigon & Bagnara, 2014). Os adolescentes rurais são acostumados a longas jornadas de trabalho e a tarefas pesadas. Para Paulilo (2009) o trabalho do jovem rural é pesado. E isso pode ser notado nas falas dos participantes:

*...trabalham muito e no pesado na lavoura* (participante 35, meio rural, masculino).

*Que tem a vida um pouco sofrida por estar longe, e de todo trabalho sofrido na roça* (participante 25, meio urbano, masculino).

Cabe destacar que apesar de se falar atualmente de um novo rural, constituído pela pluriatividade na propriedade, na qual não necessariamente se deve trabalhar apenas com agricultura quando se reside no meio rural. Santa Catarina apresenta outra característica, permanecendo assim morar na área rural ligada diretamente à atividade agrícola (Sauer & Borges, 2020). O fato dos adolescentes rurais trabalharem é devido a atividade econômica está diretamente associada à agricultura, sendo estes pertencentes à agricultura familiar, no qual todos os membros participam efetivamente nas atividades da propriedade. Para Paixão, Almeida e Rosa-Lima (2012) o trabalho para os adolescentes representa o sustento não apenas próprio, mas de todos os membros da família e a responsabilidade com o trabalho é um importante passo para a organização e estruturação familiar. E isso fica evidente na fala do participante:

*Cuidam dos animais e ajudam os pais desde cedo. Trabalham bastante e acordam bem cedo* (participante 103, meio rural, masculino).

Além disso, no meio rural se perpetua a ideia que para se tornar agricultor, deve trabalhar desde muito cedo com os pais, para assim aprender a profissão de agricultor (Sauer & Borges, 2020). E os pais sentem também a necessidade de passar conhecimentos geracionais através do trabalho, sendo para eles uma forma efetiva de aprendizagem (Sauer & Borges, 2020); (Sauer & Rodriguês, 2019). Para Conde e Silva (2020) é comum frases sobre o trabalho infantil como algo que enobrece e dignifica as crianças desde pequenas. Desta

forma, devemos ficar atentos a esse problema social, não trazendo romantização a exploração infantil.

A classe 4 e a classe 1 apresentam conflitos entre os grupos dos adolescentes rurais e urbanos. Quando adotamos adolescentes que residem no meio rural e no meio urbano como categorias sociais, tornam-se realidades interdependentes na orientação simbólica sobre pertencimentos vinculadas a estas categorias e assim, podemos compreender sobre as vivências dos adolescentes que fazem parte de grupos sociais de pertencimento (Turner & Reynolds, 2001). Para Deschamps e Moliner (2014) os grupos têm Representações Sociais deles mesmos e a posição que ocupam em relação aos outros grupos, portanto é através delas que sujeitos aprendem suas diferenças e semelhanças em relação ao outro.

A classe 4 foi nomeada como: “Estereótipos”, sendo crenças socialmente compartilhadas a respeito dos membros de uma categoria social. Essa associação esteve fortemente ligada aos adolescentes residentes do meio rural (endogrupo). Para Bonomo (2014) e Antunes-Rocha (2012), a representação hegemônica dos moradores de áreas rurais é sustentada pela disseminação de estereótipos que configuram uma imagem desqualificada e inferiorizante. Inclui a ideia de atraso, ignorância e limitações de diferentes ordens (Fressato, 2008); (Maziero, et al 2019). É um fato discutido por Castro (2009), que afirma que constantemente ocorre a associação do imaginário sobre o rural ao atraso e a identificação dos jovens como roceiros e que moram mal.

As representações hegemônicas, segundo Cabecinhas, Lima e Chaves (2006), podem ser partilhadas por todos os membros de um do grupo que é altamente estruturado e prevalece em todas as práticas simbólicas, sendo uniformes e coercivas. Desta forma foi possível notar nas falas dos adolescentes:

*São caipiras e burros* (participante 7, meio rural, feminino).

*Que são uns bichos do mato, sem higiene* (participante 114, meio rural, masculino)

*Que moram no mato e são burros* (participante 77, meio rural, feminino).

Os grupos que detêm um estatuto social menos elevado, sentem que a sua identidade social tem um valor negativo ou se encontra ameaçada (Tajfel & Turner, 1979). Tajfel (1982) fala também que, se um determinado grupo não consegue munir os seus membros em torno de uma identidade social positiva, a tendência é que ocorra a desistência desse grupo pelo indivíduo ou o seu engajamento no processo de mudança social. Acrescenta ainda que os

pensamentos negativos relativos ao grupo de pertença dão origem a estratégias de adaptação ao grupo dominante e também ao grupo dominado, pois a sua identidade social com o endogrupo é negativa e que resulta numa desidentificação com o grupo de origem (Ellemers et al., 1988). O êxodo rural é um resultado do abandono desse grupo, no qual o adolescente se vislumbra com a área urbana, não querendo mais pertencer ao meio rural, tendo a negá-lo, e assim consequentemente indo residir nas áreas urbanas. As representações têm a função de situar os sujeitos e os grupos sociais no campo social, e a partir delas são capazes de elaborar uma identidade social compatível com os sistemas de normas e valores sociais historicamente determinados (Murgny & Carugaty, 1985 apud Chamon, 2014).

Moscovici (2009) nos ensina através de uma reflexão sobre o processo de discriminação social a partir dos estereótipos negativos relacionados a determinados grupos, que se formos além dos estereótipos, descobriremos sob eles correntes do conhecimento e fórmulas do senso comum, conjuntos de crenças profundamente enraizadas na vida coletiva, mesmo numa sociedade moderna.

A classe 1 foi nomeada como “Valorização do Urbano”, pois mostra a valorização em morar no na área urbana. Essa classe teve uma associação maior com os adolescentes que residem no meio urbano (endogrupo). De acordo com Turner, Brown e Tajfel (1979) a comparação social serve às funções de auto-estima e de imagem, desta forma os sujeitos procuram alcançar uma imagem positiva de si. E isso se nota nos trechos a seguir:

*Que os que vivem na área urbana devem ter mais privilégios (participante 37, meio urbano, feminino)*

*Pensam que são melhores que os adolescentes rurais (participante 106, meio urbano, masculino).*

*Pensam que são pessoas que (adolescentes rurais) não saem com os amigos e em lugar nenhum (participante 88, meio urbano, feminino).*

*Muitos têm certo preconceito, como que por viverem na área rural são inferiores (Participante 159, meio urbano, masculino)*

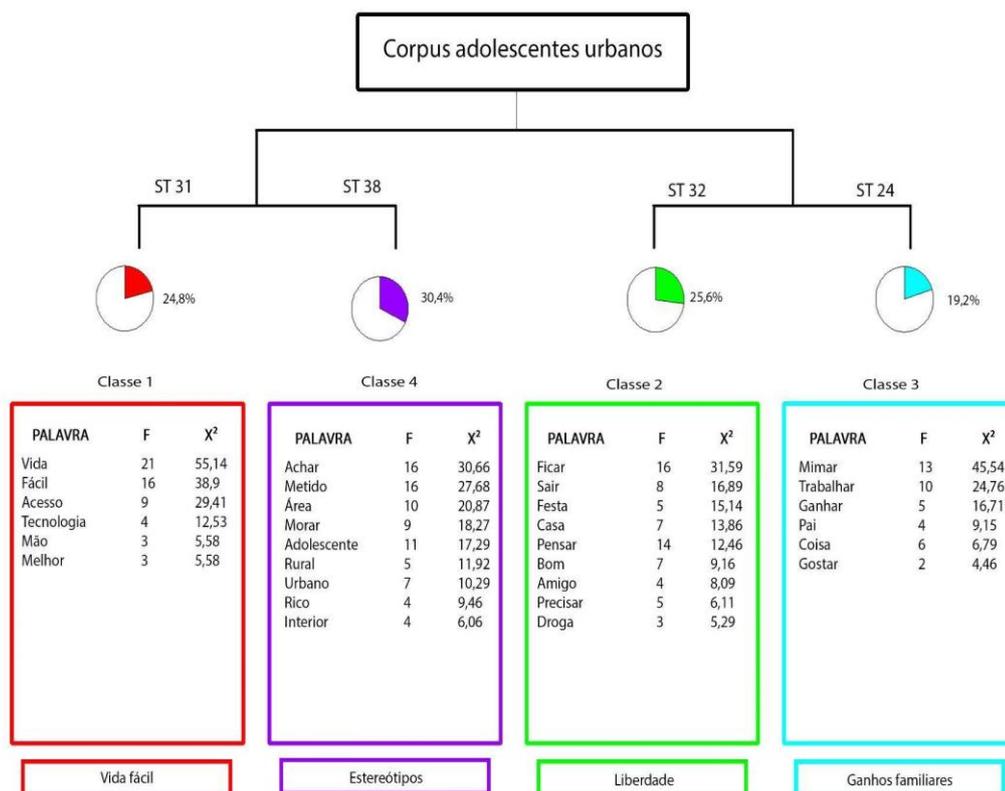
É justa essa comparação social que estabelece a ligação entre a categorização social e a identidade social para Tajfel. Isso acontece por pertencerem a grupos sociais que estejam positivamente avaliados por comparação com o outro grupo. Se assim for, as pessoas poderão

retirar dessa comparação, uma identidade social positiva (Turner, Brown & Tajfel, 1979).

#### 5.4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE ADOLESCÊNCIA URBANA

Para a constituição desse *corpus* a pesquisadora fez a seguinte pergunta: *O que você acha que os adolescentes que vivem na área rural pensam sobre os adolescentes que vivem na área urbana?* Essa pergunta teve como objetivo acessar a zona muda das Representações sociais dos adolescentes sobre os adolescentes que vivem na área urbana, bem como a representação intergrupo. Desta forma o corpus sobre o adolescente que vive no meio urbano foi constituído por 159 textos, separados por 159 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 125 ST (78,62 %). Emergiram 2.051 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 542 palavras distintas e 310 com uma única ocorrência. O software dividiu o corpus em subcorpus, gerando quatro classes. Primeiramente o corpus foi dividido em dois sub-corpora, o primeiro gerou a Classe 1, com 31 ST (24,8 %) e a Classe 4, com 38 ST (30,4%). O segundo sub-corpora gerou a Classe 2, com 32 ST (25,6%) e Classe 3, com 24 ST (19,2 %).

**Figura 3.** Dendrograma das Classes geradas pela CHD



A classe 1 foi nomeada como “Vida Fácil”, devido ao discurso dos adolescentes associarem que os adolescentes urbanos possuem uma vida mais fácil em relação aos adolescentes que residem no meio rural. É possível observar nas seguintes frases:

*Pensam que a vida é fácil e não tem nada pra fazer* (participante 13, meio urbano, masculino).

*Os que não trabalham, são metidos, têm acesso à internet e vivem no celular* (participante 126, meio rural, feminino).

*Acho que para eles tem mais acesso e facilidade de locomoção e também mais tecnologias* (participante 26, meio urbano, feminino).

Já quando o endogrupo (adolescentes rurais) apresenta um baixo estatuto, os seus membros vão procurar alcançar uma identidade social positiva afirmando que ao sucesso do exogrupo (adolescentes urbanos) estão associadas causas externas. Deschamps e Moliner

(2014) considerarem que, como produtos identitários, demarca-se que os grupos têm Representações Sociais deles mesmos e a posição que ocupam em relação aos outros grupos. Jodelet (2001) diz que a representação é uma construção do objeto, expressiva do sujeito, no processo de apreensão faz intervir um modo de olhar compartilhado socialmente.

A classe 4 foi denominada como estereótipos, pois apresentou no discursos dos adolescentes palavras como “metidos”, “se acham” e “filhinhos de papai”. Um estereótipo não pode ser idêntico a uma categoria, mas pode ser compreendido como uma ideia fixa que acompanha a categoria. Para Tajfel (1982) os estereótipos sociais têm por característica serem comuns a um grande número de pessoas e são estruturados pelas relações entre grupos sociais. O funcionamento e utilização dos estereótipos resultam em uma interação entre esta estruturação contextual social e o seu papel na adaptação dos sujeitos ao meio social em que estão inseridos (Tajfel, 1982). Observe os discursos dos jovens a seguir:

*Eu como moro no interior acho a maioria dos adolescentes metidos (participante 28, meio rural, feminino).*

*Muitos dos adolescentes que vivem na área rural falam, que os adolescentes que vivem na cidade são filhos de papai (participante 56, meio rural, feminino)*

*Os adolescentes que vivem na área rural pensam que aqueles que vivem na cidade são mocinhos metidos, festeiros e desordeiros (participantes 122, meio urbano, masculino).*

Para esses adolescentes ficou evidente a imagem de que os adolescentes urbanos são “metidos” e que se sentem superiores aos da área rural. Isso ocorre por existir uma valorização da área urbana em vários aspectos, como educação, lazer, e ofertas de trabalho. De acordo com Moraes et al (s/d) os sujeitos estabelecem formas de pensar e explicar os fatos, criando teorias e elaborando temas que fazem parte do universo de cada um e de todos, interpretando a realidade de acordo com a suas experiências. A representação social é um guia de ações sociais, expressa algo de sua identidade que pode ter um efeito sobre a construção do objeto (Jodelet, 2005).

A classe 2 foi nomeada como liberdade, no qual mostra sobre a liberdade de locomoção que os adolescentes urbanos possuem em residir nas áreas centrais dos municípios. O que pode ser exemplificado nos trechos:

*Tem mais opções para sair e encontrar os amigos, tem internet e não precisam ajudar os pais em casa ( participante 24, meio urbano, masculino).*

*Que eles têm mais liberdade, vão a festas, usam drogas, saem com os amigos e namoram (participante 143, meio urbano, feminino)*

*Que vão para escola e voltam pra casa e ficam só dentro de casa ou saem andando na rua com os amigos (participante 125, meio rural, masculino)*

Essa classe vai ao encontro com os estudos de com Menandro, Trindade e Almeida (2003) Paixão, Almeida e Rosa-Lima (2012) que possui a representação de que vivenciam uma fase propícia para isso, pois a liberdade precisa ser respeitada, sendo esta liberdade expressa através das atividades curtição como festas, namoro e amizade. Na área urbana os adolescentes possuem maiores opções de lazer e entretenimento, sendo a ausência desses itens como umas das principais queixas dos adolescentes rurais (Chauveau, 2014). Nas áreas urbanas os adolescentes têm mais opções de festas e locais de encontro com os amigos como praças, tendo maior facilidade em frequentar as casas de amigos. Para Martins, Trindade e Almeida (2003) a ideia de liberdade é algo desejado pelos adolescentes.

A classe 3 foi nomeada como “ganhos familiares”, esse discurso está atrelado à atividade econômica familiar, no qual possui a visão que os adolescentes não precisam contribuir na renda familiar e possuem ganhos sem precisar contribuir com atividades nas suas residências. Isso pode ser notada nas falas dos adolescentes:

*Que ganham tudo de mão beijada (participante 52, meio rural, masculino)*

*Que são mimados, não precisam ajudar em casa, só estudam e não trabalham e não dão valor pras coisas fáceis que tem ( participante 156, meio rural, masculino).*

Muitas vezes, devido à atividade econômica familiar, no qual os pais trabalham "fora" e assim conseqüentemente não precisam da força de trabalho do filho para auxiliar na economia familiar. Muitos adolescentes ingressam no mercado de trabalho a partir dos 18 anos de idade. Desta forma, se perpetua a representação social que os adolescentes urbanos possuem uma vida mais tranquila, sem necessidade de esforços para aquisição de algo, e seus

pais suprem as necessidades destes. Para Calligaris (2000) isso remete a ideia de moratória, pois caracteriza dependência por parte dos adolescentes em relação aos pais.

## 5.5 ANÁLISE DAS EVOCAÇÕES LIVRES SOBRE ADOLESCÊNCIA URBANA E RURAL

Solicitado aos participantes para que citassem cinco palavras que lhe viessem à cabeça quando pensam em adolescentes que residem no meio rural e cinco palavras sobre adolescentes que residem no meio urbano, e que destacassem, dentre as cinco palavras citadas as duas que consideravam mais importantes. As palavras destacadas como mais importantes pelos adolescentes foram analisadas por meio da confirmação de centralidade. Essa confirmação se dá através da proporção entre o número total de evocações pelo número de evocações das palavras mais importantes (Sá, 1996). A partir dos dados obtidos, realizou-se uma análise Prototípica com auxílio do software IRaMuTeQ.

O primeiro quadrante (superior esquerdo) indica as palavras que têm uma frequência maior que a média e baixa ordem de evocação. Sendo possíveis indicadores do núcleo central de uma representação (Sá, 1996). No segundo quadrante (superior direito) estão os elementos com alta frequência, mas que tiveram ordem média, não sendo prontamente evocados, e o terceiro quadrante (inferior esquerdo) é a zona de contraste, que contém elementos que foram prontamente evocados, mas com frequência abaixo da média. Esses dois quadrantes são a parte mais acessível da representação (Abric, 2003). E o quarto quadrante (inferior direito) indica os elementos com menor frequência e maior ordem de evocação.

Através do software foi criada uma representação gráfica que é denominada de árvore, no qual mostra a relação entre as categorias a partir de um filtro mínimo de co-ocorrências. Nos vértices, encontram-se as categorias e na arestas, a co-ocorrência destas categorias, com um valor numérico que representa o grau de conexão (Sá, 1996). Além disso, as palavras mais associadas entre elas são colocadas próximas, formando o que o software denomina como comunidade (Camargo; Justo, 2013).

### 5.5.1 Análise prototípica das evocações livres sobre os adolescentes rurais

Por meio da análise Prototípica, foi possível identificar a estrutura representacional a partir dos critérios de frequência e ordem de evocação das palavras. Foram evocadas 795 palavras.. A frequência média das evocações foi de 5,68 e a ordem média de evocação (OME) foi de 2,84, sendo assim, elas foram evocadas entre a segunda e terceira posição. A frequência mínima considerada para inclusão nos quadrantes foi de 3. O diagrama de quatro quadrantes representa as quatro dimensões da estrutura das RS.

Tabela 3- Diagrama das evocações a partir do tema indutor “adolescentes que vivem no meio rural” (n= 159)

		OME <= 2,86		OME > 2,86			
		Elemento	f	OME	Elemento	f	OME
$f \geq 5,85$		*Trabalho	95	2,3	Responsável	32	2,9
		*Agricultura	22	2,8	Animais	25	3,0
		Liberdade	17	2,8	Plantação	20	3,0
		*Mato	11	2,2	Dificuldade	20	3,3
		*Roça	10	1,9	Família	16	3,2
		*Campo	9	1,4	Simplicidade	9	3,1
		Estudo	8	2,5	Felicidade	9	3,1
		*Natureza	8	2,4	Esforçado	9	2,9
		Ajuda	6	2,2	Paz	9	3,2
		Internet ruim	6	2,3	Ajuda os pais	8	3,9
		Transporte	6	2,5	Humilde	8	3,8
					Sossego	7	3,4
					Estrada de chão	7	3,6
$f < 5,85$		Amadurecimento	5	2,6	Dedicado	5	4,0
		Ônibus	4	2,2	Educação	5	3,8
		Acordar cedo	4	1,2	Inacessível	5	4,4
		Festa	4	2,8	Honesto	4	3,8
		Futuro	4	2,5	Fazenda	4	3,2
		Internet	3	2,3	Alegria	3	3,7
		Diversão	3	1,7	Fazenda	4	3,2
		Tristeza	3	2,7	Tempo	3	3,0
		Gado	3	2,7	Alegria	3	3,7
		Obediência	3	2,7	Divertido	3	3,7
		Ar puro	3	2,7	Comunicação	3	3,0
					Respeito	3	3,3

\*elementos confirmados como pertencentes ao núcleo central.

Conforme figura 3, observou-se no quadrante superior esquerdo a presença dos elementos que possivelmente organizam a representação social dos participantes a respeito das adolescentes que vivem no meio rural. O quadrante superior esquerdo engloba os elementos mais prováveis de constituir o núcleo central da representação. Neste quadrante, destacam-se os elementos de *trabalho, agricultura, liberdade, mato, e roça*. Desta forma

indicam que a representação social sobre os adolescentes residentes do meio rural estão relacionados ao trabalho na agricultura, e assim a atividade agrícola traz sentimentos de liberdade, pois tomam decisões em sua propriedade, não sendo empregado. Nos estudos de Seyferth (1992), mostrou que os sujeitos do campo se representavam como autônomos e com liberdade em relação aos demais trabalhos. Também demonstra que as representações sociais destes adolescentes estão diretamente ligadas ao seu local de moradia. Os estudos realizados por Bonomo e demais colaboradores (2011) também apresentaram agricultoras, trabalhadoras, como provável elementos nucleares da representação social de pessoas do meio rural. Também vai ao encontro dos estudos de Blaus e Blanco (2013) que a agricultura é a atividades mais importantes na concepção dos jovens e faz referência às possíveis atividades geradoras de renda que podem ser desenvolvidas nas propriedades

Desta forma, as representações sociais não ocorrem no vazio social, mas em um espaço cercado de opiniões, significações e produções simbólicas (Martins, Trindade, & Almeida, 2003). Para esses mesmos autores, a estrutura e o conteúdo de cada representação configura-se através de um espaço social. Chamon (2014) diz que a cultura de cada grupo, suas práticas sociais, sua história e seu contexto são essenciais para a apreensão das representações.

Os elementos que compõem o quadrante superior direito são *responsáveis, animais, plantação, dificuldade, família, simplicidade*. Observa-se que o elemento *responsável* aparece com maior frequência. Para Marin (2018), os agricultores relacionam o trabalho como o desenvolvimento do senso de responsabilidade. A responsabilidade desses jovens é referente às atividades que envolvem o plantio e o cuidado dos animais, sendo estas atividades da agricultura familiar, sendo a palavra família também evocada com frequência. Stropasolas (2014) cita que nos pequenos municípios do estado de Santa Catarina a agricultura e a criação de animais constituem a base econômica nas propriedades rurais. Também apresenta elementos que representam uma vida de simplicidade e dificuldades. No estudo de Santos (2009) que fala das representações televisivas de campo e cidade, verificou-se que o termo meio rural está ligado a ideias de vida simples e a família.

Dentre os elementos do quadrante inferior esquerdo destacam-se: *amadurecimento, ônibus, acordar cedo*, sendo que o elemento *amadurecimento* aparece com maior frequência. O amadurecimento é consequência das responsabilidades dentro propriedade e do trabalho, iniciado desde a infância. Na area rural é comum o trabalho infantil, o adolescente participa das atividades desde os cinco anos de idade (Brasil, 2018).

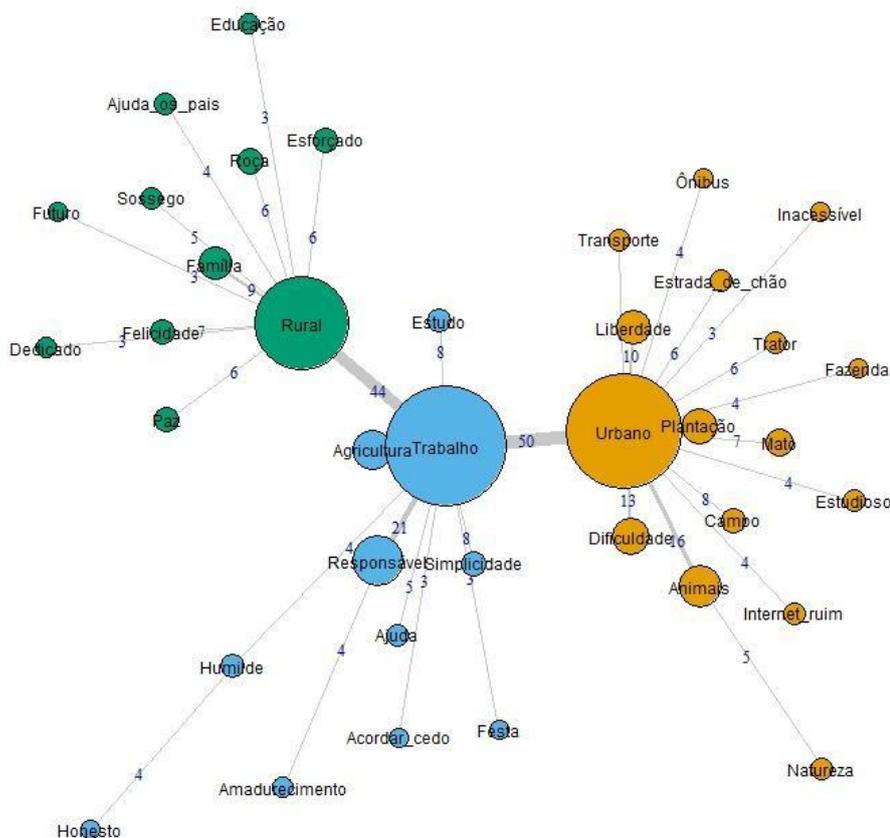
Devido aos jovens residirem nas áreas rurais tanto para trabalhar na propriedade,

como frequentar a escola, os jovens são obrigados a acordar muito cedo e utilizarem o ônibus escolar como transporte para frequentar a escola, sendo estas localizadas nas áreas urbanas. Para Almeida e Ferreira (2014) residir no meio rural torna-se sinônimo de ter árduas rotinas matinais para acessar o transporte escolar e assim conseguirem estudar nas cidades.

O quadrante inferior direito é composto pela periferia distante. A periferia distante é composta pelos elementos relacionados aos adolescentes rurais de forma positiva, trazendo qualidades como *dedicado, educação e honesto*. Para Bonomo et al (2011) o trabalho de elaboração de significados que representam positivamente o rural pode afastar a possibilidade de identificação com os estereótipos negativos.

A seguir é apresentada a análise de similitude, que possibilita identificar as co-ocorrências entre as palavras e suas variáveis, sendo as palavras que os adolescentes do meio rural e do meio urbano evocaram sobre adolescentes que vivem no meio rural. Como representantes da realidade simbolizada (Abric, 2001), as representações sociais favorecem os estudos sobre os grupos sociais, permitindo sua abordagem a partir da dimensão psicológica de pertencimento (Brown, 1997, 2000; Tajfel, 1982).

Figura 4 - Árvore de similitude das evocações livres sobre adolescentes que vivem no meio rural



A partir da análise de similitude, observou-se que os adolescentes urbanos trouxeram elementos de *dificuldade e liberdade*, e elementos referente ao meio rural como *campo, mato, plantação e estrada de chão*. Os adolescentes rurais trouxeram elementos de *família, felicidade, paz, esforçado e roça*.

Além disso, observa-se que o elemento *trabalho* possui uma ativação significativa entre os dois grupos, que assim criou-se uma comunidade. O elemento *trabalho* está relacionado a *agricultura, responsável e simplicidade*. Para Carneiro (2012) a identidade das pessoas que residem nas áreas rurais é concebida a partir do trabalho rural baseado na mão de obra familiar. Maziero e demais colaboradores (2019) afirma que o rural é visto como um lugar de relações de trabalho e produção. Para Jodelet (2005) as representações sociais manifestam práticas e saberes dos sujeitos e que esse registro simbólico pode ser expressado não apenas em um saber sobre a realidade, mas também sobre as identidades, as tradições e as culturas que dão forma ao modo de viver.

### 5.5.2 Análise prototípica das evocações livres sobre os adolescentes urbanos

Por meio da análise prototípica, foi possível identificar a estrutura representacional a partir dos critérios de frequência e ordem de evocação das palavras. Foram evocadas 795 palavras.. A frequência média das evocações foi de 5,07 e a ordem média de evocação (OME) foi de 2,92, sendo assim, elas foram evocadas entre a segunda e terceira posição. A frequência mínima considerada para inclusão nos quadrantes foi de 3. O diagrama de quatro quadrantes representa as quatro estruturas das RS sobre os adolescentes que vivem no meio urbano.

Tabela 4- Diagrama das evocações a partir do tema indutor “adolescentes que vivem no meio urbano” (n= 159)

		OME ≤ 2,92		OME > 2,92			
		Elemento	f	OME	Elemento	f	OME
<i>f</i> ≥ 5,07	*Festa	30	2,7	Estudo	28	3,0	
	*Tecnologia	21	2	Trabalho	25	3,2	
	*Internet	16	2,2	Acessibilidade	20	3,2	
	*Isolamento	9	2,6	Celular	18	3,0	
	*Videogame	8	2,9	Oportunidade	16	3,2	
	Preguiçoso	8	2,1	Facilidade	13	3,0	
	Metido	8	1,4	Poluição	10	3,3	
	Diversão	7	2,7	Socialização	9	3,1	
	*Redes sociais	6	2,5	Carro	7	3,1	
					Rolê	7	3,1
				Passeio	6	3,8	
				Irresponsável	6	3,8	
<i>f</i> < 5,07	Droga	5	1,8	Prédio	5	2,0	
	Emprego	5	2,8	Arrogante	5	2,0	
	Liberdade	5	2,0	Alegria	5	1,7	
	Cidade	5	1,8	Depressão	5	1,5	
	Movimento	4	2,2	Barulho	5	2,0	
	Privilégio	4	2,0	Esporte	4	2,0	
	Nutella	4	2,0	Sair	4	1,7	
	Conhecimento	4	1,5	Inteligente	4	1,7	
	Curtição	4	2,8	Responsabilidade	4	2,0	
	Amigos	4	2,2	Moda	4	1,7	
	Viciado	3	2,7	Feliz	4	1,7	
	Chato	3	2,7	Amizade	4	1,7	
	Faculdade	3	2,3	Educação	4	2,0	
	Nerd	3	2,3	Mercado	4	2,0	
	Curso	3	2,3	Sedentarismo	4	1,7	
	Playboy	3	1,7	Ansiedade	3	2,0	
				Trânsito	3	2,0	
				Chato	3	2,0	
			Faculdade	3	1,5		

\*elementos confirmados como pertencentes ao núcleo central.

Conforme Tabela 4, observou-se no quadrante superior esquerdo a presença dos elementos que possivelmente organizam a representação social dos participantes a respeito das adolescentes que vivem no meio urbano. O quadrante superior esquerdo engloba os

elementos mais prováveis de constituir o núcleo central da representação. Neste quadrante, destacam-se os elementos  *festa, tecnologia, internet, isolamento e videogame*. Sendo estes os prováveis elementos centrais da representação. O elemento  *festa* aparece com maior frequência. Este elemento está diretamente ligado com o lazer que os jovens das áreas urbanas tendem a ter mais acesso. Desta forma indicam que a representação social sobre os adolescentes residentes do meio urbano estão relacionados a festas e acessos a tecnologias como internet e videogame. Para Costa e Piva (2020) a tecnologia e a internet estão cada dia mais presentes na vida das pessoas, principalmente na vida dos adolescentes. Entre a população brasileira, o adolescente é um dos que mais faz uso de internet, pesquisas demonstram que 70% dos adolescentes encontram-se inseridos na vida digital e demonstram que entre os adolescentes, 64% acessa a internet diariamente (Fundo Das Nações Unidas Para A Infância, 2013). Este estudo também mostrou que a parcela dos 30% que não acessam a internet, é porque 17% desses adolescentes residem majoritariamente em áreas rurais. Desta forma, a representação social de tecnologia e internet está mais fortemente ligada ao adolescente residente nas áreas urbanas. Um estudo realizado por Silva e Silva (2017) mostrou que o uso excessivo das tecnologias digitais traz diversos problemas, entre eles, o isolamento social. Sendo esse um elemento associado à adolescência urbana. Os elementos que compõem o quadrante superior direito são  *estudo, trabalho, acessibilidade, celular, oportunidade e facilidade*. Observa-se que o elemento  *estudo* aparece com maior frequência. Esses elementos demonstram que os adolescentes residentes da área urbana possuem maiores oportunidades para continuar os estudos, facilidade em cursarem uma faculdade, e tendo mais opções de trabalho. Zago (2016) afirma que existem poucas informações sobre os jovens do meio rural que têm acesso ao ensino superior, sua condição de escolarização e perspectiva profissional, devido a uma tendência nas pesquisas em educação de visar à condição urbana, tanto em relação à infância quanto à juventude.

Dentre os elementos do quadrante inferior esquerdo destacam-se:  *droga, emprego, liberdade, cidade e movimento*, sendo que o elemento  *droga* aparece com maior frequência. É na adolescência o período mais suscetível ao uso de drogas, sendo o álcool muito utilizado pelos jovens em festas (Santos & Costa, 2013). É possível existir uma associação sobre os jovens urbanos frequentarem festas e o uso de drogas, na visão dos adolescentes que participaram da pesquisa. No meio rural existe um controle social sobre os momentos de lazer dos adolescentes (Paulilo, 2009), no qual não ocorre com os adolescentes na área urbana que possuem uma maior liberdade em frequentar festas e baladas. O quadrante inferior



isso se deve a grande concentração populacional e fontes emissoras de poluentes (Maia, Neto & Costa, 2019), sendo um contraponto com a área rural que é vista como um lugar cercado pela natureza.

## 5.6 SATISFAÇÃO SOBRE O MEIO

A fim de investigar a satisfação sobre o meio em que os adolescentes residem , realizamos algumas questões em formato de escala de 5 pontos, referente ao local de moradia. As possibilidades de resposta variavam de 1 a 5, sendo 1 para muito insatisfeito e 5 para muito satisfeito.

Tabela 5 satisfação sobre o meio

<b>Satisfação sobre o meio que residem</b>	<b>Rural Média (IQ)</b>	<b>Urbano Média (IQ)</b>	<b>P</b>
Acesso aos serviços de saúde	3 (3-4 )	3 (3-4)	0,373
Acesso a cursos	2,5 (2-3)	3(3-4 )	< .001
Liberdade para a escolha da profissão	4 (3-4 )	3 (2-4)	0,008
Acesso ao Lazer	4(3-5 )	4(3-4 )	0,060
Acesso a internet	4(3-4 )	4(4-5 )	0,004
Amizades	4(4-5 )	4(3-5 )	0,107

Conforme se observa em valores de p, sendo p maior que 0,05, demonstra que não

existem diferenças entre os grupos, acesso a serviços de saúde (MD=3), acesso ao lazer (MD=4), e amizades (MD=4) Os dados mostram que ambos os adolescentes estão satisfeitos sobre o acesso ao lazer, contrariando o que se esperava, pois diversos estudos demonstram ausência e precariedade sobre o lazer para os jovens no âmbito nacional (Chauveau & Stropasolas, 2016; Wanderley, 2009; Weiseheimer, 2005). O acesso ao lazer contribui para o desenvolvimento dos adolescentes através da construção de novas relações, de trocas de experiências, novas vivências e construção da identidade (Pfeifer, Martins & Santos, 2010). Também demonstram satisfação referente às suas amizades. Para Carvalho e Novo (2013) relações de amizade satisfatórias constitui-se como um ótimo indicador da saúde física e mental dos adolescentes. Sobre o acesso a serviços de saúde, os adolescentes nem satisfação e nem insatisfação.

Os adolescentes da área rural apresentaram insatisfação referente ao acesso a cursos (MD= 2,5), e os adolescentes urbanos não apresentaram nem satisfação e nem insatisfação sobre o acesso a cursos (MD=3). Para Brumer e Spanevello, (2008) a dificuldade de acesso ao estudo é o que apresenta um maior comparativo entre os adolescentes referente ao pelo meio rural e ao meio urbano. Sobre o acesso a internet (MD=4) ambos os adolescentes se apresentaram satisfeitos, sendo que 75% dos adolescentes urbanos apresentaram estar muito satisfeitos, indo assim no sentido contrário dos dados encontrados anteriormente.

Desta maneira, nota-se de forma geral que os adolescentes estão satisfeitos com o meio em que residem, não apresentando uma insatisfação significativa, apenas para os adolescentes do meio rural que apresentaram insatisfação sobre o acesso a cursos. Essa insatisfação vai de encontro com o resultado dos estudos de Farias (2021) que mostrou que pais esforçam-se para pagar os cursos, que entendem a importância deles para o futuro dos filhos, mas o processo semanal de ir e vir dos cursos é dificultado pelo transporte precário. E esta dificuldade está relacionada ao fato de os cursos serem geralmente ofertados nas áreas urbanas, dificultando que os adolescentes rurais consigam frequentar.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluídas as etapas anteriores para o desenvolvimento deste estudo apresentam-se as considerações finais, buscando responder as questões que nortearam a problemática central proposta de identificar e analisar os conteúdos das representações sociais de adolescentes sobre a adolescência e adolescentes residentes no meio rural e no meio urbano.

Sobre a adolescência, as representações sociais foram associadas fortemente a partir das concepções tradicionais de adolescência, sendo um período de fase da transição da infância para a vida adulta, curtição e sentimentos de depressão e ansiedade, não havendo distinção entre os grupos. Destaca-se o fato de ocorrer a distinção na representação de acordo com o gênero dos participantes. Os participantes do gênero feminino vêem a adolescência como algo relacionado ao desenvolvimento, fato este relacionado à puberdade.

A representação fortemente associada aos adolescentes rurais é relacionada ao trabalho, agricultura e responsabilidade, já a representação referente aos adolescentes urbanos é festa e "mimados". Desta forma fica evidente a distinção representativa de cada adolescência, fortemente ligada ao seu local de moradia. Devido aos modos de produção, os adolescentes rurais iniciam desde muito cedo as atividades na agricultura e assumindo responsabilidades dentro da propriedade e desta forma não ocorre o mesmo com adolescentes urbanos, que vivenciam a adolescência vista de uma forma mais leve, relacionada à diversão e sem preocupações.

Também relacionado ao meio que residem, os adolescentes urbanos são considerados pelos que residem no contexto rural como sendo modernos e possuem mais acesso aos meios de comunicação, como acesso a celulares e internet. Contraditório a isso, os moradores da área rural são vistos pelos que vivem na área urbana como atrasados e sem acesso a esses

meios, porém esta pesquisa mostrou que os adolescentes do meio rural estão satisfeitos com o acesso que possuem à internet. De modo geral os adolescentes estão satisfeitos sobre o meio em que residem, e de como estão vivenciando a adolescência.

No que diz respeito às abordagens e dimensões constituintes das RS, foi utilizada a Abordagem Dimensional, elaborada por Moscovici (1978). A dimensão informação mostra os conhecimentos dos participantes sobre os dois grupos de adolescentes, a dimensão atitudinal, que mostra visões negativas em ambos os grupos dos participantes, a dimensão campo, em que se destaca o contexto onde a adolescência é vivenciada. Também utilizou-se a Abordagem Estrutural, que tem como base a Teoria do Núcleo Central, proposta por Abric (1976), sendo o núcleo central elementos citados relacionados aos modos de vida e ao contexto em que reside cada grupo de adolescentes. Para Chamon (2014) o grupo mostra sua identidade a partir do sentido que ele dá à representação.

A teoria da identidade social de Tajfel (1972) e Tajfel e Turner (1979), diz que a identidade social deriva de pertencimentos, em grupos ou categorias sociais, que influenciam o modo pelo qual os sujeitos definem-se em relações que envolvem outros grupos e categorias; neste estudo foi possível notar a identificação dos adolescentes com seus grupos, adquirindo uma identidade que os definem, através do local onde esses adolescentes vivem e representam. Sendo assim, RS sobre seu grupo de pertença podem conduzir para a formação da identidade social dos adolescentes.

Pais, professores e demais sujeitos que convivem com os adolescentes devem ficar atentos aos conflitos existentes entre os dois grupos, pois foi possível notar estereótipos em ambos os grupos sobre o exogrupo, o que pode trazer prejuízos psicossociais. Os adolescentes rurais possuem representação de atrasados e bobos, sendo esses aspectos invocados pelo próprio grupo, fato esse que pode ser incorporado em sua identidade. Os adolescentes urbanos possuem estereótipos de “mimados” e “vida fácil” que apareceram em ambos os grupos.

Sendo assim, nota-se a importância desse assunto ser pauta nos trabalhos escolares, e discutido no ambiente escolar, pois é o momento que os adolescentes de ambos os contextos têm suas vivências compartilhadas. Manacorda (2007) compreende que a escola é um espaço que produz o encontro com os outros, os afetos e as sociabilidades. Sendo assim, é necessário combater preconceitos e estereótipos que circulam em ambos os grupos, para que não ocorra prejuízos psicossociais e não agravando este momento, onde a adolescência se apresenta como uma fase de dificuldades e conflitos. A escola possui um papel fundamental para mediar tais conflitos, pois é o local onde esses jovens possuem maiores interações.

O estudo apresentou fragilidades, devido a amostra pequena de participantes, e isso se deve ao fato de estar ocorrendo a Pandemia Covid-19, a pesquisa teve que seguir de forma online, tendo pouca participação dos adolescentes. Os adolescentes estavam vivenciando pela primeira vez estudar de forma online e se sentiam sobrecarregados com as atividades escolares e isso foi um fator para a não participação da pesquisa. Também houve a dificuldade da amostra não ter o mesmo número de participantes dos dois grupos, pois deve se considerar que o número de adolescentes que residem no meio rural é menor e muitos destes, possuem dificuldade de acesso a internet, limitando a participação da pesquisa.

Para a discussão dos resultados, houve um limitador, sendo que há uma escassez de estudos sobre a RS da adolescência rural e ainda mais sobre as RS da adolescência urbana, pois a grande parte das pesquisas sobre a adolescência, traz a adolescência de forma geral, não fazendo a distinção sobre adolescência especificamente urbana. Assim, nota-se a necessidade mais estudos sobre essa temática, com maior amostragem de participantes e em outras regiões do país, pois a adolescência é vivência de várias maneiras e em vários contextos diferentes. Entretanto, esse estudo contribuiu para o avanço de conhecimentos sobre a adolescência, mostrando as diferentes maneiras de ver e vivenciar a adolescência conforme o contexto que estão inseridos. E também contribuindo com os estudos sobre a Teoria das Representações Sociais.

## Referência

- Aberastury, A. & Knobel, M (1981). *Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artmed.
- Abric, J. (1976). *Jeux, Conflits et représentations sociales, Thèse de doctorat, Université de Provence, Aix-en-Provence*
- Abric, J. C. (2003). Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In P. H. F. Campos & M. C. da S. Loureiro. (Eds.), *Representações sociais e práticas educativas* (pp. 37-57). Goiânia: UCG.
- Abric, J. C. (2005). A zona muda das representações sociais. in: Oliveira, D. C & Campos, P; H. F. (org) *Representações sociais-uma teoria sem fronteiras*. Rio de Janeiro: Museu da República (col. Memória Social).
- Almeida. Z. R. & , Ferreira, L. G. (2014). O estudante do meio rural nas séries finais do ensino fundamental: olhares e revelações. *Rev. Ed. Popular, Uberlândia*, v. 13, n. 2, p. 109-123, jul./dez.
- Alves, G. M. (2008) A construção da identidade do adolescente e a influência dos rótulos na mesma. Criciúma. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/GabrielaMacileAlves.pdf>. Acesso em: 07 de maio de 2019.
- Andrade, M. A. A. (1998). A identidade como representação e a representação da identidade. In A. S. P. Moreira, & D. C. Oliveira (Org.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 141-149). Goiânia: AB editora.
- Andrejow, G. M. P. et al. (2018). Planalto norte catarinense: considerações sobre o setor florestal e a eucaliptocultura. *Desenvolvimento Regional em debate* (ISSNe 2237-9029) v. 8, n. 2, p. 143-168, jul./dez.
- Berger, K. S. (2003). *O desenvolvimento da pessoa da infância à adolescência*. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 432 p.
- Bock, A. M. B. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica a naturalização da formação do ser humano. *A adolescência em questão*. Acessado em 22/07/2019, [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101326220040001000\\_03](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101326220040001000_03).

- Bonomo, M (2010). *Identidade Social e Representações Sociais de Rural e Cidade em um Contexto Rural Comunitário: Campo de Antinomias*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo.
- Bonomo, M, Souza, L. (2013). Representações hegemônicas e polêmicas no contexto identitário rural. *Avances en Psicología Latinoamericana*, v.31, p. 402-418.
- Breakwell, G. M. (1993). Social representations and social identity. *Papers on Social Representations - Textes sur les Représentations Sociales (1021-5573)* Vol. 2 (3), 1-217 (1993).
- Breakwell, G. M. (1993). Social representations and social identity. *Papers on Social Representations*, 2(3), 198-217.
- Brumer, A. (2007) A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: Carneiro, M. J. & Castro, E. G de. *Juventude Rural em Perspectiva*. São Paulo. Ed. Mauad,.
- BRUMER, A; SPANEVELLO, R. M. Jovens agricultores da Região Sul do Brasil. Porto Alegre: UFRGS; Chapecó: Fetraf-Sul/CUT, 2008. Relatório de Pesquisa.
- Cabecinhas, R. (2004). Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. *Paidéia*, 14(28), 125-137.
- Calcanti, A. E. (2011). Estresse e a adolescência. *Rev. Grandes temas do conhecimento: Psicanálise*. São Paulo. Ed Mythos, n.5, p. 57 – 59.
- Calligaris, C. (2000). A adolescência. São Paulo: Publifolha.
- Camargo, B. C & Justo, A. M. (2013) IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas psicol.* vol.21 no.2 Ribeirão Preto dez.
- Camino, L. & Torres, A. R. R. (2011). Origens e desenvolvimento da Psicologia Social. In L. Camino, A. R. R. Torres, & M. E. O. Lima (Orgs.), *Psicologia Social: temas e teorias* (pp. 23- 99). Brasília, DF: Technopolitik.
- Campagna, V. N & Souza, A. S. (2006). Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina. *Bol Psicol.*;56 (124): 9-35.
- Carneiro, M. J. (2005). Juventude rural: projetos e valores. In: Abrami, H. & Branco, P. P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 243-62
- Carneiro, M. J. (1998). O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: Silva, F. C. T. da; Santos, R.; Costa, L. F. de C., org. *Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- Carvalho, D. M, et al. (2009) *Perspectivas dos jovens rurais: campo versus cidade*. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Apresentação Oral-Agricultura Familiar e Ruralidade. Porto Alegre.

- Carvalho, R. G., & Novo, R. F. (2013). Características da personalidade e relacionamento interpessoal na adolescência. *Avaliação Psicológica*, 12(1), 27-36.
- Castro, E. G. de (2013). *Entre ficar e sair - uma etnografia da construção*. Rio de Janeiro: Editora Contra capa.
- Castro, E. G. de. (2006). As jovens rurais e a reprodução social de hierarquias. In: Woortmann, E. F.; Heredia, B.; Manasche, R. (Orgs.). *Margarida Alves: coletânea de estudos rurais e gênero*. Brasília: MDA/IICA (mimeo).
- Champagne, P. (1986). Elargissement de l'espace social ET crise de l'identité paysanne. *Cahiers d'Economie ET Sociologie Rurales*, n. 3.
- Chamon, E.M.Q.O. A educação do campo: contribuições da Teoria das Representações Sociais. In: *Textos e debates em representações sociais/* org. Chamon, E.M.Q.O, Guareschi, P.A., Campos, H.F.-Porto Alegre, Abrapso, 2014
- Chaves, S. C. Lima & Silvia, L M. V. (2007). As práticas profissionais no campo público de atenção à saúde bucal: o caso de dois municípios da Bahia. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 6, p. 1697-1710.
- Chauveau, H. (2014). O lugar de acesso (ou não-acesso) ao lazer e à cultura na relação que os jovens rurais tem com os territórios do interior catarinense. In: *Juventude rural, cultura e mudança social*. Renk, A. & Dorigon, C. (orgs.). Chapecó: Argos, (Perspectiva;5)
- Chauveau, H.; Stropasolas, V. L. (2016). Práticas culturais e lazer da juventude rural nas recomposições territoriais das ruralidades de três territórios do Sul do Brasil. In: Zilma Izabel Peixer e José Luiz Carraro. (Org.). *Povos do campo, educação e natureza*. 1ed.Lages: Grafine, 2016, v. 1, p. 129-142.
- Costa, J. F. (1988). Narcisismo em tempos sombrios. In J. Birman (Coord.), *Percursos na história da psicanálise* (pp. 151-174). Rio de Janeiro: Taurus.
- Costa, M. N. C. & Doulas, S. M. (2014). Representações de Juventude na escola Família Agrícola Paulo Freire- Acaiaca-MG. *Revista Uniara*, v.17, n.1, julho
- Croizer, W. R. (2000). Music and social influence. In D. J. Hargreaves & A. C. North (Eds.), *The Social Psychology of Music* (pp. 67-82). Oxford: Oxford University Press.
- Coutinho, L. G. (2009). Adolescência, cultura contemporânea e educação. *Estilos clin.* vol.14 no.27, São Paulo.
- Davin, R. M. B, et al. (2009). Adolescente/adolescência: Revisão Teórica sobre uma fase crítica da vida. *Rev. Rene. Fortaleza*, v. 10, n. 2, p. 131-140, abr./jun.

- Deschamps, J. C & Moliner, P. (2009). *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais*. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes.
- Dietz, G. et al. (2011). As relações interpessoais e o consumo de drogas por adolescentes. SMAD, *Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Droga. (Ed. port.)* vol.7 no.2 Ribeirão Preto.ago.
- Doise W., (1985), Les représentations sociales: définition d'un concept. *Connexions*, 45, 243-253.
- Ellemers, N. et al (1988). Social identification and permeability of group boundaries. *European Journal of Social Psychology*. Volume18, Issue6, december
- Endliche, M. (2006). Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: Spositos, M. E. B. (Org.). *Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Ed. Expressão Popular, p.11-31
- Farr, R. (1998). *As raízes da Psicologia Social moderna*. Petrópolis: Vozes.
- Feitosa, H.N. et al (2011). A saúde mental das crianças e dos adolescentes: considerações epidemiológicas, assistenciais e bioéticas. *Revista Bioética*, vol. 19, núm. 1, 2011, pp. 259-276 Conselho Federal de Medicina, Brasília, Brasil
- Fonseca, A. R. & Faria, R. G. (2011). O uso do software PSPP nas Ciências Sociais. *Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre*. v. 2, n. 2.
- Gaviria, M. R & Pezzi, S. M. (2007). O poder simbólico da renda na mobilização social de jovens de comunidades rurais. In: *A agricultura familiar a mesa: saberes e práticas de alimentação no Vale do Taquari*. Menasche, R (Org.) Porto Alegre: Editora UFRGS.
- Giacomozzi, A. I (2010). Juntas Chegaremos à Perfeição?: Representações Sociais da Anorexia no Orkut. *Interação Psicol*, 14(2), 221-232.
- Groppo, L. A. (2000). *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- Guerin, Y. S. (2017). *Múltiplos olhares, múltiplas mediações: as representações sociais da ruralidade entre os jovens rurais da microrregião da Santa Cruz do Sul*. Santa Cruz do Sul: UNISC (Tese de doutorado em desenvolvimento regional).
- Guimelli, C., Deschamps, J. C. (2000). Effet des contextes sur la production d'associations verbales. Le cas des représentations sociales des Gitanes. *Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, 47, 44-54.
- Heidemann, M. (2006). *Adolescência e saúde: uma visão preventiva para profissionais de saúde e educação*. Petrópolis: Vozes.
- Jersild, A. T. (1976). *Psicologia da adolescência*. 6 a ed. São Paulo: Nacional.

- Jodelet, D. (1989). Les représentations sociales: um domaine em expansion. In D. Jodelet (Org.). *Les représentations sociales* (pp. 31-61). Paris: PUF
- Jodelet, D. (2001) Representações sociais: um domínio em expansão. In: D. Jodelet (org.). *As representações sociais*. (pp. 17-41). Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Jovchelovitch, S. (2000) *Representações sociais e esfera pública. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Knobel, M. A síndrome da adolescência normal. in: Aberastury, A. & Knobel, M (1981). *Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artmed.
- Kummer, R. & Colognese, S. A. (2013). A juventude rural no Brasil: entre ficar e partir. *Revista tempo da Ciência* v. 20, n. 39.
- Maia, J. L. M., Netto, V. M., & Costa, B. L. G. (2019). Forma Urbana e Poluição Atmosférica: Impactos na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v.11, e20180145. DOI <https://doi.org/10.1590/2175-3369.011.e20180145>
- Manacorda, M.A. Aos educadores brasileiros/ entrevista concedida a Paolo Nosella. Campinas – SP: HISTEDBR – FE/ UNICAMP; 2007.
- Margulis, M. (2001). Juventud: Una aproximación conceptual. In S. D. Burak (Org.), *Adolescência y juventud en américa latina* (pp. 41-56). Cartago: Libro Universitario Regional.
- Marková, I. (2003). *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente*. Editora Vozes. Petrópolis.
- Martins, A. M, et al (2010). A formação em Psicologia e a percepção do meio rural: um debate necessário. *Psicol. Ensino & Form. [online]*. vol.1, n.1, pp. 83-98. ISSN 2177-2061.
- Martins, P. O.; Trindade, Z. A. & Almeida, M. de O. (2003). O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. *Psicol. Reflex. Crit. [online]* vol.16, n.3, pp.555-568
- Martins, C.B.G & Souza, S.P.S. (2013) Adolescente e Sexualidade: as possibilidades de um projeto de extensão na busca de uma adolescência saudável. *Av.enferm.*, XXXI (1): 170-176.
- Matheus, T. C. (2002). *Ideais na adolescência: falta (d)e perspectivas na virada do século*. São Paulo: Annablume/ FAPESP.
- Maziero, C. et al ( 2019). O lazer como fator de permanência e reprodução social no meio rural: estudo do município de Saudade do Iguaçu, PR. *Interações* (Campo Grande) 20 (2) • Apr-Jun
- Menezes, I. G. (2009). Enxada versus caneta: Educação como prerrogativa do urbano no imaginário de jovens rurais. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 3, n. 1 mai.
- Menandro, M. C. S.; Trindade Z. A.; Almeida, A. M. O. (2003). Representações sociais da adolescência/juventude a partir de textos jornalísticos (1968-1974 e 1996-2002). *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 55, n. 1, p. 42-55.

- Menin, M. S. S. (2006). Representação social e estereótipo: a zona muda das representações sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Jan-Abr. v. 22 n. 1, p. 043-052.
- Monteiro, J.P.N (2013). *Depressão e ideação suicida em adolescentes: As várias faces da institucionalização*. (Dissertação de mestrado da Universidade de Trás-osMontes e Alto Douro, Vila Real.
- Moscovici, S. (2013). *Representações Sociais: investigação em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Moscovici, S. (1972) *La société contre nature*. Paris: Union Générale d'Éditions,.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise* (Trad. A. Cabral). Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (1981). On social representation. In J. P. Forgas (Ed.), *Social cognition* (pp. 181-209). London: Academic Press.
- Moscovici, S. (2001). Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: D. Jodelet (org.). *As representações sociais*. (pp. 17-41). Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Moscovici, S. (2011). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Moscovici, S. (2012). *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis, RJ: Vozes (Original publicado em 1961).
- Moraes, P. R. et. al.(s/d) *A teoria das representações sociais*. São Paulo: Unisepe.
- Nóbrega, S. M. (2001). Sobre a teoria das representações sociais. In: Moreira, A. S. P. (org.). *Representações sociais: Teoria e prática*. (pp. 55-87). João Pessoa: Universitária.
- Nodari, M.P.M et al (2016) Os Usos do Tempo Livre entre Jovens de Classes Populares. *Psic.: Teor. e Pesq.* 32 (04) <https://doi.org/10.1590/0102.3772e324215>
- Oliveira, L. B.; Rabello, D. & Feliciano, C. A. (2014) Permanecer ou sair do campo? Um dilema da juventude camponesa. *Revista Pegada*, v. 15, n. 1, p. 136- 150.
- Osorio, L. C. (1992). *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas 2 edição.
- Ozella, S (2003) *Adolescências Construídas – A visão da Psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.

- Paixão, D.L.L. (2011). *A representação da adolescência e as políticas sociais de educação e justiça*. In: Seminário Internacional de representações sociais, subjetividade e educação, I., *Anais...* Curitiba: SIRSSE.
- Paulilo, M. I (2004). Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. *Revista Estudos Feministas/ Universidade Federal de Santa Catarina*, v.12, n.1, p. 229-252.
- Paulo, M. de A. L. de (2003). *Juventude Rural e trabalho agrícola: pensando na dimensão da vergonha*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia UFPE- Curso de Doutorado.
- Pereira, J. L.G. (2004). *Juventude Rural: para além das fronteiras entre campo e cidade*. (Tese, doutorado em Sociedade e Agricultura Seropédica: UFRRJ.
- Pereira, M. G.; Amaral, V. & Soares, S. (1997). Identidades sociais e representações sociais dos adolescentes acerca da SIDA. *Aná. Psicológica [online]*. vol.15, n.4, pp.617-636.
- Pfeifer, L. I. et al (2010). A Influência Socioeconômica e de Gênero no Lazer de Adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, jul-Set, Vol. 26 n. 3, pp. 427-432
- Pinto, V. C.; Souza, W & Saemi, M. ( 2000). *O papel da representação social na construção da identidade adolescente*. Disponível em: [http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/273.%20o%20papel%20da%20representa%C7%C3o%20social%20na%20constru%C7%C3o%20da%20identidade%20adolescente.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/273.%20o%20papel%20da%20representa%C7%C3o%20social%20na%20constru%C7%C3o%20da%20identidade%20adolescente.pdf).
- Quiroga, F. L. & Vitalle, M.S.S. (2013). O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico. *Physis*. vol.23 no.3 Rio de Janeiro July/Sept.
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (2012). *Psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Rozin, L. & Zagonel, I. P. S. (2012). Fatores de risco para dependência de álcool em adolescentes. *Acta paul. enferm. [online]*, vol.25, n.2, pp.314-318. ISSN 0103-2100.
- Sá, C. P. de. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Eduerj: Rio de Janeiro.
- Salles, L.M.F. (1995). A representação social do adolescente e da adolescência: um estudo em escolas públicas. *Cad. Pesq.* São Paulo, n. 95, p. 25-33, ago.
- Santos, L. S. (2009) Recepção televisiva por jovens rurais: Um estudo sobre as representações do campo e da cidade. In: *Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul*, Blumenau-SC. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0270-1.pdf>> Acesso em: 12 out. 2021.
- Santos, M.B & Costa, C.L.N.A. (2013). O uso de drogas na adolescência. *Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais* . Aracaju, v. 1, n.17 ,p. 143-15, out.

- Savietto, B.B & Cardoso, M.R. (2006). Adolescência: ato e atualidade. *Rev. Mal-Estar Subj.* v.6 n.1 Fortaleza mar.
- Schoen-Ferreira, T. H.; Aznar-Farias, M. & Silvaes, E. F. M. ( 2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 107-115.
- Sauer, A.D. & Borges, M. G. (2020). Perspectivas da juventude rural sobre aprendizagem e o conhecimento geracional na agricultura familiar, planalto norte de Santa Catarina, Brasil. *Revista Cocar*, v. 14 n. 30: Set./Dez
- Sauer, A. D. & Rodriguês, D. M.(2019). Madeira Boa? Só na Minguante de Maio. In: Magnus, M. C. M.; Brick, E. M.; Fonseca, I. (Ogs). *Saberes em Movimento*. Florianópolis, UFSC.
- Silva, A. L. (2018) Na encruzilhada da vida: a descoberta do corpo, do sexo e do amor na chegada à adolescência. *Cadernos Cajuína*. v. 3, n. 1
- Silva, M. L. B. da & Bousfield, A. B. S (2016) Representações sociais da hipertensão arterial. *Temas psicol.* vol.24 no.3 Ribeirão Preto set. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2016.3-07>
- Silvia, V. T. C. (2007). *O jovem rural como ator principal para a construção de um novo modelo rural, promovendo um espaço de qualidade de 168 vida sustentabilidade social e ambiental*. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR.
- Siqueira, L. H. S. (2004). *As perspectivas de inserção dos jovens rurais na unidade de produção familiar*. Porto Alegre: UFRGS. (Dissertação de mestrado em Desenvolvimento Rural).
- Silva, T.O.& Silva, L.T.G. (2017). Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais.*Rev. psicopedag.* vol.34 no.103 São Paulo
- Speltini, G.& Palmonari, A. (1999). *I gruppi sociali*. Bologna: Il Mulino,.
- Stephen, J., Fraser, E., & Marcia, J. E. (1992). Moratorium-achievement (Mama) cycles in lifespan identity development: value orientations and reasoning system correlates. *Journal of Adolescence*, 15, 283-300
- Strapasolas, V. L (2006). *O mundo rural no horizonte dos jovens*. Editora da UFSC, Florianópolis.
- Stropasolas, V. L (2014). Os dilemas da juventude no processo sucessório da agricultura familiar. In: *Juventude rural, cultura e mudança social*. Renk, A. & Dorigon, C. (orgs.). Chapecó: Argos, (Perpectiva;)
- Stropasolas, V. L. (2005). Juventude Rural: uma categoria social em construção. GT 22: Sociologia da Infância e Juventude. *XII Congresso Brasileiro de Sociologia; Anais*. Belo Horizonte, junho.

- Tajfel, H. (1972). La catégorisation sociale. In S. Moscovici (Org.) *Introduction à la psychologie sociale*. Paris: Larousse.
- Tajfel, H. (1981). *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais: estudos em psicologia social II*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.). *The social psychology of intergroup relations*. Monterey, CA: Brooks/Cole, 33-47.
- Turner, J.C (1975). Social comparison and social identity: Some prospects for intergroup behaviour. *European Journal of Social Psychology*, 5, 5-34.
- Vala, J. (1993). Representações sociais - para uma psicologia social do pensamento social. In J. Vala & M.B. Monteiro (Orgs.), *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Vala, J. e Castro, P. (2013). Pensamento Social e Representações Sociais. In: Vala, J. e Monteiro, M.B. *Psicologia Social*; 9 edição. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- Vitiello, N. (1997). *Sexualidade: quem educa o educador. Um manual para jovens, pais e educadores*. São Paulo: Iglu.
- Wagner, W. (2000). Descrição, explicação e método na pesquisa das Representações Sociais. In: Graeschi, P. A & Jovchelovitch, S. (Orgs). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, p. 149-186
- Wanderlei, M. N. B (2007). Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonho para o futuro. In: Carneiro, M. J. e Castro, E. G. de. *Juventude Rural em Perspectiva*. São Paulo. Ed. Mauad.
- Wanderlei, M. N. B. (2001). Ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. En publicación: ¿Una nueva ruralidad en América Latina? Norma Giarracca. CLACSO, *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales*, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Disponível em: <http://bit.ly/2bsp6X7>.
- Weisheimer, N. (2005). *Juventudes rurais: mapas de estudos recentes*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário
- Zago, N. (2016). Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21 n. 64 jan.-mar.
- Zagury, T. (2004). *O adolescente por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Record.

## Apêndices

### Questionário

Este questionário faz parte de uma pesquisa que o Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição, da Universidade Federal de Santa Catarina está realizando. Tem como objetivo buscar a opinião dos adolescentes referente à adolescência e aos adolescentes que residem no meio rural e urbano. Por isso, peço a sua contribuição para responder a esse questionário. Sua participação é voluntária. Não possui respostas certas ou erradas. Não escreva seu nome nas folhas, pois este questionário é anônimo e você não será identificado (a) em nenhum momento da pesquisa. Não se esqueça de responder a todas as questões.

1. Escreva o mais detalhadamente possível o que é a adolescência para você?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

2. Cite 5 primeiras palavras que lhe vem à cabeça quando você pensa em um adolescente que vive no meio rural:

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_
4. \_\_\_\_\_
5. \_\_\_\_\_

Dentre estas palavras que você citou, escolha as duas que você considera mais importantes:

\_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_.

3. Cite 5 primeiras palavras que lhe vem à cabeça quando você pensa em um adolescente que vive no meio urbano:

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_
4. \_\_\_\_\_
5. \_\_\_\_\_

Dentre estas palavras que você citou, escolha as duas que você considera mais importantes:

\_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_.

4. O que você acha que os adolescentes que vivem na área urbana pensam sobre os adolescentes que vivem na área rural?

---

---

---

---

5. O que você acha que os adolescentes que vivem na área rural pensam sobre os adolescentes que vivem na área urbana?

---

---

---

---

6. Como você descreve o meio rural?

---

---

---

---

7. Como você descreve o meio urbano?

---

---

---

---

8. Leia os seguintes itens, e marque a frequência deles na fase da ADOLESCÊNCIA:

Traços	Nunca	Algumas vezes	Frequentemente	Muitas vezes	Sempre
Liberdade					
Crise					
Alegria					
Rebeldia					
Curtição					
Descobertas					
Tristeza					
Agressividade					
Curiosidades					
Pensamentos negativos					
Namoro					
Responsabilidades					
Irresponsabilidades					
Música					
Fase Boa					
Fase Ruim					
Amizades					
Preocupações					
Drogas					
Festas					

10. Em qual contexto você reside?

urbano       rural

11. Em relação ao lugar que você mora, como você se sente com os itens a seguir?

	Totalmente insatisfeito	Insatisfeito	Nem insatisfeito e nem satisfeito	Satisfeito	Totalmente satisfeito
Acesso a serviços de saúde					
Acessos a cursos (técnicos, nível superior e outros)					
Liberdade para escolha da profissão					
Acesso ao lazer					
Acesso a internet e redes sociais					
Suas amizades					

*Para finalizar, por favor, responda as questões a seguir:*

12. Sexo:  masculino     feminino     outros

13. Idade: \_\_\_\_\_ anos

14. Quanto tempo você estuda nesta escola: \_\_\_\_\_.

15. Quanto tempo você leva da sua casa até a escola?

de 5 a 19 minutos

de 20 a 59 minutos

de 60 a 90 minutos

( ) mais de 90 minutos

*Obrigada por participar! Antes de entregar, verifique se você respondeu a todas as questões.*



**Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de pós-graduação em Psicologia  
Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Prezado (a) Senhor (a):

Gostaríamos de pedir sua autorização para a participação de seu/sua filho (a) na pesquisa com o título “As representações sociais de adolescentes sobre os adolescentes que vivem no meio rural e urbano”, o qual tem por objetivo identificar e analisar os conteúdos das representações sociais de adolescentes provenientes de contextos rurais e urbanos referentes a adolescência e o adolescente residente no meio rural, que faz parte de um projeto de pesquisa para dissertação de mestrado da aluna Aline Daniela Sauer sob orientação da professora Dra. Andréia I. Giacomozzi, e co-orientação da professora Dra. Andréa Barbará S. Bousfield vinculadas ao Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição (LACCOS) do departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Esta investigação tem o objetivo de contribuir para o desenvolvimento científico e trará o foco para conflitos existentes sobre as representações sociais de adolescentes, mostrando a realidade social destes, para aqueles que trabalham e convivem com os mesmos.

A participação do seu/sua filho (a) ocorrerá de forma voluntária e por meio do consentimento de responder um questionário com perguntas relacionadas ao tema da pesquisa. Devido ao tema da pesquisa ser de caráter subjetivo e pessoal é possível que ao longo do questionário o participante possa sentir-se mobilizado emocionalmente, ou sob situação de desconforto ao seu bem-estar.

No questionário em nenhum momento seu/sua filho (a) será identificado (a). O tempo estimado de duração é de aproximadamente 20 minutos. A pesquisa poderá ser interrompida a qualquer momento, que seu/sua filho (a) solicitar, visando o seu conforto e bem-estar, não há, para tanto, a necessidade de apresentar quaisquer justificativas ao pesquisador. Se for necessário, a mesma fará o encaminhamento do participante à alguma clínica social que seja mais próxima do local da pesquisa para acompanhamento psicológico sem custo algum ao participante, sendo está localizada na Universidade do Contestado. Acredita-se que na maior parte dos casos a participação na pesquisa por meio do questionário trará benefícios ao participante, pois promoverá reflexões sobre suas vivências.

Com a sua autorização, a participação do seu/sua filho (a) consistirá em responder perguntas de um questionário à pesquisadora do projeto, toda e qualquer informação que possa identificar-lhe serão mantidos em absoluto sigilo. Quando ocorre a quebra do sigilo involuntário por pedido de ordem judicial ou legislativa ou devido ao risco de furto ou invasão dos materiais guardados pela pesquisadora, os casos serão tratados conforme legislação legal vigente. A sua participação de seu/sua filho (a) é absolutamente voluntária e não remunerada - a legislação brasileira não possibilita quaisquer pagamentos referentes à participação em pesquisas - contudo todo e qualquer custo decorrente da participação da pesquisa (deslocamento, alimentação, etc) serão ressarcidos em espécie pelo pesquisador com verba de recurso próprio, conforme item XXIV.2 da resolução CNS 510/16, bem como indenização em caso de qualquer prejuízo material causado pela pesquisa ao participante, respeitando assim o item VI.9 da resolução CNS 510/16. A sua recusa em participar da pesquisa ou cancelar o consentimento não implicarão em qualquer penalidade ou prejuízo.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução NCS 510/16 e com o fim deste prazo, será descartado. Os resultados da presente pesquisa serão divulgados à instituição concedente e aos participantes que tiverem interesse, após a defesa da dissertação, em data a ser agendada. Além disso, os resultados poderão ser usados em publicações que divulgarão apenas os dados obtidos como um todo respeitando as respostas individuais mantendo o sigilo das especificidades de cada participante, os dados serão, portanto, divulgados de forma a preservar sua identificação,obedecendo ao disposto preconizado na Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde acerca de pesquisas com seres humanos.

Caso você autorize a participação do seu/sua filha (a) solicitamos a permissão para que possamos utilizar o questionário respondido pelo seu/sua filho (a), apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações neste relatadas. Caso haja impossibilidade

de assinar, a autorização deve ser dada verbalmente através de uma gravação em áudio, mas igualmente o documento será entregue em duas vias e respeitará as normas da Resolução nº510 de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde. Se você tiver alguma dúvida ou necessidade de algum esclarecimento sobre o trabalho que será realizado, entre em contato com o LACCOS e/ou com o pesquisador pelo fone: (47) 99989-9346 / ou via e-mail pelo: alidsauer@hotmail.com. Você poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UFSC pelo telefone (48) 3721-6094 ou ainda diretamente no prédio da Reitoria II, 4o andar, sala 401 na rua Desembargador Vitor Lima no 222, bairro Trindade, Florianópolis. O projeto possui aprovação do CEPESH/UFSC e atende à resolução 510/16 e suas complementares.

Pesquisadora responsável: Prof. Dra. Andréia Isabel Giacomozzi e Prof. Dra. Andréa Barbará S. Bousfield. Pesquisadora principal: Aline Daniela Sauer (Mestranda/UFSC).

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade. Endereço Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPESH: Universidade Federal de Santa Catarina, Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 401, Trindade – Florianópolis. Email: cep.propesq@contato.ufsc.br. Telefone: 3721-6094.

Eu, \_\_\_\_\_, RG  
 nº \_\_\_\_\_, responsável legal por (nome do  
 menor) \_\_\_\_\_, nascido(a) em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_,  
 declaro ter sido informado (a) e concordo com a participação, do (a) meu/minha filho (a)  
 como participante da pesquisa “As representações sociais de adolescentes sobre os  
 adolescentes que vive no meio rural e urbano”, realizada pelo grupo de pesquisadores da  
 UFSC. Da mesma forma, autorizo a leitura de tais informações por terceiros, ficando  
 vinculado o controle e guarda das mesmas a Aline Daniela Sauer, mestranda do Programa de  
 Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, professora Dra.  
 Andréia I. Giacomozzi, e a professora Dra. Andréa Barbará S. Bousfield, pesquisadoras  
 responsáveis pela investigação.



**Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de pós-graduação em Psicologia  
Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição**

**Termo de Assentimento Livre e Esclarecido**

Prezado estudante:

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar da pesquisa com o título “As representações sociais de adolescentes sobre os adolescentes que vive no meio rural e urbano”, o qual tem por objetivo identificar e analisar os conteúdos das representações sociais de adolescentes sobre os adolescentes residentes no meio rural e no meio urbano, que faz parte de um projeto de pesquisa para dissertação de mestrado da aluna Aline Daniela Sauer sob orientação da professora Dra. Andréia I. Giacomozzi, e co-orientação da professora Dra. Andréa Barbará S. Bousfield, vinculadas ao Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição (LACCOS) do departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Esta investigação tem o objetivo de contribuir para o desenvolvimento científico e trará o foco para conflitos existentes sobre as representações sociais de adolescentes, mostrando a realidade social destes, para aqueles que trabalham e convivem com os mesmos.

A sua participação ocorrerá de forma voluntária e por meio do consentimento de responder um questionário online com perguntas relacionadas ao tema da pesquisa. Os riscos são mínimos, mas devido ao tema da pesquisa ser de caráter subjetivo e pessoal é possível que ao longo do questionário você possa sentir-se mobilizado emocionalmente, ou sob situação de desconforto ao seu bem-estar.

No questionário em nenhum momento terá a sua identificação. O tempo estimado de

duração é de aproximadamente 20 minutos. A pesquisa poderá ser interrompida a qualquer momento, visando o seu conforto e bem-estar, não há, para tanto, a necessidade de apresentar quaisquer justificativas a pesquisadora. Após ou durante o período da aplicação do questionário, se ocorrer a mobilização de emoções, e desejar conversar sobre o desconforto, saiba que a pesquisadora é psicóloga, sendo assim poderá prestar a você acompanhamento On-line. Se for necessário, a mesma fará o encaminhamento do participante à alguma clínica social que seja mais próxima do local da pesquisa para acompanhamento psicológico sem custo algum ao participante, sendo esta localizada na Universidade do Contestado. Acredita-se que na maior parte dos casos, a participação na pesquisa por meio do questionário trará benefícios ao participante, pois promoverá reflexões sobre suas vivências.

Toda e qualquer informação que possa lhe identificar serão mantidos em absoluto sigilo. Quando da quebra do sigilo involuntário por pedido de ordem judicial ou legislativa ou devido ao risco de furto ou invasão dos materiais guardados pela pesquisadora, os casos serão tratados conforme legislação legal vigente. A sua participação é absolutamente voluntária e não remunerada - a legislação brasileira não possibilita quaisquer pagamentos referentes à participação em pesquisas - contudo todo e qualquer custo decorrente da participação da pesquisa (deslocamento, alimentação, etc) serão ressarcidos em espécie pelo pesquisador com verba de recurso próprio, conforme item XXIV.2 da resolução CNS 510/16, bem como indenização em caso de qualquer prejuízo material causado pela pesquisa ao participante, respeitando assim o item IV.9 da resolução CNS 510/16. A sua recusa em participar da pesquisa ou cancelar o consentimento não implicará em qualquer penalidade ou prejuízo.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 510/16 e com o fim deste prazo, será descartado. Os resultados da presente pesquisa serão divulgados à instituição concedente e aos participantes que tiverem interesse, após a defesa da dissertação, em data a ser agendada. Além disso, os resultados poderão ser usados em publicações que divulgarão apenas os dados obtidos como um todo respeitando as respostas individuais mantendo o sigilo das especificidades de cada participante, os dados serão, portanto, divulgados de forma a preservar sua identificação, obedecendo ao disposto preconizado na Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde acerca de pesquisas com seres humanos.

Caso você aceite a participação solicitamos a permissão para que possamos utilizar o questionário respondido por você, apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações neste relatadas. Se você tiver alguma dúvida ou necessidade de algum esclarecimento sobre o trabalho que será realizado, entre em contato com o LACCOS e/ou com o pesquisador pelo

fone: (47) 99989-9346 / ou via e-mail pelo: psicologa.alinesauer@gmail.com. Você poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UFSC pelo telefone (48) 3721-6094 ou ainda diretamente no prédio da Reitoria II, 4º andar, sala 401 na rua Desembargador Vitor Lima nº 222, bairro Trindade, Florianópolis. O projeto possui aprovação do CEPESH/UFSC e atende à resolução 510/16 e suas complementares.

Pesquisadoras responsáveis: Prof. Dra. Andréia Isabel Giacomozzi e Prof. Dra. Andréa Barbará S. Bousfield. Pesquisador principal: Aline Daniela Sauer (Mestranda/UFSC).

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Endereço Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPESH: Universidade Federal de Santa Catarina, Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 401, Trindade – Florianópolis. Email: cep.propesq@contato.ufsc.br. Telefone: 3721-6094.

Sendo assim, considero-me informado(a) sobre a pesquisa “As representações sociais de adolescentes sobre os adolescentes que vivem no meio rural e urbano”, realizada pelo grupo de pesquisadores da UFSC e autorizo o registro das informações fornecidas por mim, para utilização integral ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a leitura de tais informações por terceiros, ficando vinculado o controle e guarda das mesmas a Aline Daniela Sauer, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina e das professoras Dra. Andréia I. Giacomozzi e Dra. Andréa Barbará S. Bousfield, pesquisadoras responsáveis da investigação.

